

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**AS CAUSAS E OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA 4ª CLASSE DA ESCOLA DO
ENSINO PRIMÁRIO Nº 03 CUIMBA / ZAIRE DURANTE O 1º
TRIMESTRE DE 2024**

Autor: Malundama Menakuanzambi

Orientador: Eduardo Afonso Nzambi, Msc.

Luanda, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**AS CAUSAS E OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA 4ª CLASSE DA ESCOLA DO
ENSINO PRIMÁRIO Nº 03 CUIMBA / ZAIRE DURANTE O 1º
TRIMESTRE DE 2024**

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola (ISA) como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação do Professor Eduardo Afonso Nzambi, Msc.

Autor: Malundama Menakuanzambi

Orientador: Eduardo Afonso Nzambi, Msc.

Luanda, 2025



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

**AS CAUSAS E OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA
APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA 4ª CLASSE DA ESCOLA DO
ENSINO PRIMÁRIO Nº 03 CUIMBA / ZAIRE DURANTE O 1º
TRIMESTRE DE 2024.**

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação final: _____

Data _____/_____/_____

DEDICATÓRIA

A minha família especialmente a minha esposa, pelo carinho e por todo amor depositado no preparo deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade, forças e sabedoria, na realização deste trabalho.

Aos meus pais, aos meus queridos filhos e aos meus amados irmãos, pelo apoio que me deram para concretização desta pesquisa.

Ao meu orientador professor Eduardo Afonso Nzambi, MSc pela força e paciência que demonstrou, ao longo desta pesquisa.

A todos os Professores do Instituto Superior de Angola (ISA) que sempre demonstraram carinho, e paciência ao transmitirem os seus conhecimentos científicos.

Aos intervenientes da nossa pesquisa de campo no caso: O pedagogo Artur Vaz Monteiro, Lic. E o enfermeiro Eduardo Mamona Mbole. Lic.

Aos meus colegas que durante a marcha de grandes dificuldades, contribuíram na minha formação.

EPÍGRAFE

O aluno ou aluna vítima de violência doméstica, além de reproduzi-la, pode reagir.

Souza (2008)

RESUMO

O presente trabalho foi do tipo explicativo coadjuvado pela pesquisa descritiva com uma abordagem quantitativo e qualitativo, assenta na temática: As causas e efeitos da violência doméstica na aprendizagem dos alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024. O mesmo foi orientado pela seguinte questão de partida: Em que medida a violência doméstica influencia o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 4ª classe, na escola do Ensino Primário nº 03, Kuimba / Zaire?”, elaboramos três 3 hipóteses dentre elas: H1. A criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada. Objectivo geral: estudar as causas e os efeitos da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024; objectivo específico: Analisar o impacto da violência doméstica nos alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024; Trabalhamos com uma amostra representativa de 79 alunos e 6 professores, os dados colectados no terreno demonstraram que os efeitos da violência doméstica geram associação de comportamentos (agressividade, dificuldade de concentração, agitação, indisciplina, teimosia, deficits de aprendizagem, dificuldade na interacção. Como sugestão, os professores devem falar sempre das causas e efeitos da violência doméstica em temas transversais, para que os alunos percebam o que pode originar a violência doméstica.

Palavras-Chave: Violência doméstica, aprendizagem e aluno.

ABSTRACT

This work was of the explanatory type supported by descriptive research with a quantitative and qualitative approach, based on the theme The causes and effects of domestic violence on the learning of 4th grade students at primary school No. 3 Cuimba / Zaire during the 1st Quarter of 2024. It was guided by the following starting question: "To what extent does domestic violence influence the teaching and learning process of 4th grade students at Primary School No. 03, Kuimba / Zaire?" we elaborated three hypotheses among them : H1 . The child who suffers domestic violence has his/her learning capacity impaired. Objectives General: to study the causes and effects of domestic violence in the teaching and learning process of 4th grade students of primary school no. 3 Cuimba / Zaire during the 1st Quarter of 2024 ; Specific: To analyze the impact of domestic violence on 4th grade students of primary school no. 3 Cuimba / Zaire during the 1st Quarter of 2024 ; We worked with a representative sample of 79 students and 6 teachers, the data collected in the field showed that the effects of domestic violence generate an association of behaviors (aggressiveness, difficulty concentrating, agitation, indiscipline, stubbornness, learning deficits, difficulty in interacting, as a suggestion That teachers always talk about the causes of domestic violence in cross-cutting themes, so that students understand what can cause domestic violence.

Keywords: Domestic violence, learning and student.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Objectivos de pesquisa	3
Delimitação e limitação	4
Justificativa	4
Estrutura do Trabalho	5
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1. Definições de termos e conceitos	7
1.2. Família e violência doméstica	9
1.2.1. Dinâmica de violência: consequências “naturais” para a família	13
1.3. Violência doméstica e o papel da escola	15
1.4. A natureza da violência doméstica no âmbito familiar	18
1.4.1. Violência física	18
1.4.2. Violência psicológica	19
1.4.3. Violência sexual	20
1.4.4. Negligência	21
1.5. O papel da escola	21
1.6. A violência doméstica e suas repercussões no ambiente escolar	24
1.6.1. A violência doméstica e sua interferência no processo de aprendizagem ...	29
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	30
2.1. Tipo de Pesquisa	31
2.2. Modelo de abordagem	32
2.3. Nível de estruturação de métodos	32
2.4. Técnica de recolha de dados	34
2.5. Procedimentos	35
2.6. População e amostra	35
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	37
3.1. Caracterização dos entrevistados	37
3.2. Discussão dos resultados	44
CONCLUSÃO.....	46
SUGESTÕES.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS E APENDICES	54

INTRODUÇÃO

O desempenho escolar da criança deve ser analisado, considerando-se não apenas suas características pessoais, mas também seu ambiente familiar e seu ambiente escolar, pois tais factores interagem entre si podendo ora facilitar, ora prejudicar o aluno, suas potencialidades e habilidades. No âmbito da aprendizagem, a interacção desses factores pode contribuir, tanto para o sucesso, como para o fracasso académico. Tal compreensão é compatível com a concepção sistémica, na qual o baixo rendimento escolar deve ser atribuído não só às características individuais, mas também ao seu contexto familiar, escolar e social.

Nesta pesquisa foi focado um factor de risco que pode estar presente no contexto familiar – a violência doméstica; visando conhecer as concepções dos educadores (comunidade educativa) sobre o referido fenómeno e como avaliam o rendimento escolar da criança que vivencia de forma directa e indirecta a violência doméstica.

A criança que vive e sofre violência em casa fica com o desenvolvimento prejudicado. Os efeitos negativos da violência intra-familiar podem ser observados no funcionamento cognitivo e emocional e na vida escolar e social. O declínio no desempenho escolar da criança vítima da violência doméstica é uma sequela que vem sendo demonstrada em várias pesquisas já feitas em Angola, e em outras partes da planeta terra.

Considerando as sequelas da violência doméstica na vida académica da criança vítima, é preciso saber o que pensam os educadores sobre tal fenómeno, pois a escola tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança.

As consequências da violência doméstica no desempenho escolar da criança, bem como a respeito da visão que a escola tem do aluno vítima do referido fenómeno. Assim, tanto o sucesso como o fracasso escolar podem ser explicados não apenas considerando as características do aluno, mas também da sua família e da escola.

Segundo a revisão da literatura, os estudos que abordam a questão do desempenho escolar indicam que a escola exerce um papel importante na performance do aluno, tanto para o sucesso como para o fracasso. A literatura demonstra que alunos com uma história de vida marcada por situações adversas tendem a viver experiências negativas na escola.

Descrever a violência doméstica como factor que influencia na aprendizagem dos nossos filhos, foi na tentativa de contribuir para o direccionar de esforços conjunto, para a busca de melhores resultados em relação ao desempenho escolar dos mesmos. Pois, a violência vivida e sofrida directa ou indirectamente pelos alunos da escola do Ensino Primário nº03, no Kuimba, província do Zaire, tem interferência na sua aprendizagem.

Problemática

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenómeno cada vez mais crescente, marcado pela incapacidade que eles têm para se defender. Essa modalidade de violência envolve abusos físicos e psicológicos, abandono, exploração, deixando marcas não só no corpo da sua vítima, mas outras tantas que irão reflectir em suas relações sociais e cognitivas.

Tanto aquelas pessoas que sofrem a violência doméstica quanto as que presenciam esses abusos podem apresentar graves problemas emocionais, comportamentais e cognitivos, o que pode prejudicar sobremaneira a sua capacidade de socializar-se, de aprender e desenvolver relacionamentos positivos.

Por ser a escola o local em que permanece por mais tempo, após o seio familiar, é nela que a criança reproduzirá o que vivencia em casa. Dessa forma, a violência sofrida no lar reverbera nesse ambiente a cada dia, pois são cada vez mais recorrentes os casos de crianças que sofrem abusos por parte daqueles que mais deveriam prezar pela sua segurança: os pais, o que torna o acto ainda mais devastador para a vida do indivíduo.

Considerando a influência que a violência doméstica pode ter no processo de ensino e aprendizagem é que esta pesquisa traz como cerne a seguinte questão: **“Em que medida a violência doméstica influencia o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 4ª classe, na escola do Ensino Primário nº 03, Kuimba, província do Zaire?”.**

Assim, para subsidiar o estudo foi contextualizado o conceito da violência doméstica, suas consequências na vida do indivíduo (crianças e adolescentes) e sua influência no âmbito de aprendizagem. Para o efeito, elaboramos as seguintes hipóteses

Hipóteses

H1.A criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada.

H2.As agressões sofridas pela criança e adolescente comprometem não só o seu desenvolvimento físico, mas também motor, social e cognitivo, o que pode levar a problemas de aprendizagem.

H3.A criança que sofre ou vivencia a violência doméstica tem maior probabilidade de desenvolver diversos problemas, como depressão, ansiedade ou ainda problemas emocionais mais sérios, além de apresentar “QI mais baixo e pior desempenho escolar”.

Objectivos de pesquisa

Esta pesquisa objectivou identificar a forma como a violência doméstica reflecte no contexto educacional da escola do Ensino Primário nº03, Cuimba, província do Zaire, mas especificamente na aprendizagem dos alunos da 4ª classe.

a). Objectivo geral: estudar as causas e os efeitos da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024

b). Objectivos específicos:

- Analisar o impacto da violência doméstica nos alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024;
- Sugerir intervenções que poderiam ser usadas para ajudar os alunos da 4ª classe da escola do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024 vítimas de violência doméstica.

- Compreender a relação do professor e aluno da 4ª classe na escola do ensino primário nº 3Cuimba / Zaire durante o 1º Trimestre de 2024 quando ele sofre violência doméstica

Delimitação e limitação

"Delimitar a pesquisa é estabelecer limites para a investigação. A mesma será delimitada em relação ao assunto, a extensão " entre outros factores (Marconi & Lakatos, 2008).

Este estudo descreve sobre os efeitos da violência doméstica na aprendizagem de alunos.

Em termos *espacial*, a pesquisa foi realizada na escola do Ensino Primário nº 03, localizado no município de Kuimba, província do Zaire. Isto é por ser pesquisa social eminentemente empírica, é preciso delimitar o locus de observação, ou seja, o local onde o fenómeno em estudo ocorre;

Quanto à *delimitação temporal*, a pesquisa realizou-se durante três meses, isto é, durante o I Trimestre do ano lectivo 2024/2025; a *população* estudada foi constituída pelos alunos da 4ª classe, professores, pais e encarregados de educação.

Justificativa

O interesse em pesquisar a relação da violência doméstica e o processo de ensino e aprendizagem por parte dos alunos que vivencia o fenómeno, deve-se à trajectória profissional do pesquisador na área da educação, como processo de formação integral do homem novo. É notório que as relações interpessoais são indispensáveis nos diferentes domésticos" (lar, escola, comunidade, entre outros), que definem em grande parte a direcção para uma vida que pode envolver uma (inter) relação harmónica ou conflituosa.

Consideramos ainda importantes as dimensões sociais e científicas desta pesquisa, visto que a nível social, acredita-se ser relevante, pois poderá servir, de orientação para adopção de novas medidas para o combate ao violência doméstica contra os menores, desta forma garantir melhorias no processo de aprendizagem.

A nível académico, acreditamos que esse trabalho venha contribuir para os futuros pesquisadores que tenham interesse em aprofundar esta temática, constituindo-se assim no material de consulta para estudantes em seus trabalhos académicos ou de subsídio de apoio a alguma disciplina que aborde assuntos relacionados com esta problemática.

Nesse sentido, estudar os reflexos da violência doméstica nos alunos da 4ª classe, na escola do Ensino Primário nº 03, Kuimba, província do Zaire se torna cada vez mais necessário, não só em razão dos seus efeitos ou consequências, mas também para compreendermos suas causas, como profissionais da área e também para se pensar a escola não apenas como local de aprendizagem, mas também de socialização, reconhecendo seu papel de agente comunitário, que previne círculos de violência e garante a protecção integral de todos os direitos da criança.

Estrutura do Trabalho

O presente trabalho de pesquisa cujo tema, os efeitos da violência doméstica na aprendizagem dos alunos 4ª classe caso: Escola de Ensino Primário nº03, município de Kuimba, província do Zaire. Está organizado da seguinte forma:

- Introdução, e em seguida a Problemática, as Hipóteses, os Objectivos de Estudo, a Delimitação e a Justificativa do Estudo;
- Capítulo. I. Fundamentação Teórica, onde apresentaremos de definição de termos e conceitos, contextualização, consequências da violência doméstica nos filhos, bem como as medidas de combate ao fenómeno;
- Capítulo. II. Metodologia de Pesquisa, descreve sobre os métodos usados na pesquisa bibliográfica e ao estudo de campo;
- Capítulo. III. Apresentação e discussão dos resultados. A apresentação de resultados é uma secção mais objectiva e descritiva, focada em apresentar os dados recolhidos através do método estatístico, enquanto a discussão dos resultados é uma secção mais interpretativa e analítica, que busca explicar, contextualizar e analisar o significado dos resultados em relação ao contexto mais amplo da pesquisa;
- Conclusões e Sugestões. Na conclusão apresentamos a síntese dos

pontos debruçados sobre tema abordado;

- Referências Bibliográficas. As referências bibliográficas são listas de obras e fontes consultadas em um trabalho acadêmico, que possibilitam ao leitor cessarem essas fontes. Por último seguem os anexos e apêndices.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

Violência doméstica:

É o uso intencional da força ou poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra outro grupo ou uma comunidade, que resulta ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência ou privação (Magalhães, et al., 2014, p. 23).

Entendemos violência doméstica como aquela sofrida dentro do ambiente familiar, praticada entre os membros que a compõem.

Segundo Day, et al. (2018, p. 10), a violência doméstica é Toda acção ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue.

Assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que há relação clara entre a intenção do indivíduo que apresenta ou se envolve num comportamento violento e o ato ou a acção praticada.

Neste sentido, a violência é definida como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug, et al, 2022).

Aprendizagem:

É um processo de adquirir ou alterar comportamentos, habilidade, conhecimento, valores ou competências. É um processo dinâmico e de interacção que acontece ao longo da vida (Diaz, 2015).

Segundo o dicionário Michaelis a palavra aprendizagem é deriva do substantivo aprendiz, termo que caracteriza aquele que aprende ou dá os primeiros passos em uma actividade, arte ou ofício. Assim, a aprendizagem pode ser definida como o acto de aprender ou adquirir conhecimento através de experiência ou de um método de ensino.

Diaz (2015, p. 84) afirma que a aprendizagem pressupõe uma modificação externa, de tipo físico (no comportamento), produto de outra interna, psicológica, que permite alcançar determinado objectivo; e que só podemos considerar aprendizagem se a modificação for adequada e estável na actividade que surge, graças a uma actividade precedente e não provocada directamente por reacções fisiológicas e inatas do organismo.

A respeito, Diaz (2015, p. 84) afirma que o conceito de aprendizagem não é restrito somente aos fenómenos que ocorrem na escola; o termo tem um sentido muito mais amplo: abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afectiva e a assimilação dos valores culturais.

Assim, podemos concluir que na aprendizagem está presente, directa ou indirectamente, de maneira mais ou menos manifesta, a mediação social, ou seja, a influência dos outros, de maneira pessoal (pais, professores, colegas, vizinhos, funcionários, etc.) ou colectivamente (instituições, comunidade, sociedade) ou por meio histórico, construído por grupos de pessoas (língua, arte, bens de consumo, costumes, ferramentas, instrumentos, conhecimentos, normas, valores, princípios etc.); sem contar que o sujeito ainda aprende por si mesmo, com uma orientação própria, interna, como resultado, por exemplo, de “aprender a aprender” ou, no caso da “aprendizagem meta- cognitiva”, sempre as imagens auto construídas são signos internos, que representam o externo socialmente construído, o qual em algum momento o aprendiz conheceu ou se relacionou (Diaz, 2015).

Aluno:

A palavra **aluno**, etimologicamente proveio do latim *alumnus*, antigo particípio médio-passivo substantivado do verbo *alere* “alimentar, nutrir”. No sentido semântico, a palavra “aluno” conota aquele que precisa de alimento para nutrir-se e crescer. O dicionário Houaiss indica que o vocábulo é originário do latim e significava “criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo” (Houaiss, 2015, p.

173). Teria vindo do verbo “*alère*”, cuja acepção era fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc. Esse vocábulo teria sido apropriado pela Língua Portuguesa por volta do século XVI.

O verbete no dicionário Aurélio traz mais alguns dados: “*pessoa que recebe instrução e/ou educação de algum mestre, ou mestres, em estabelecimento de ensino ou particularmente; estudante, educando, discípulo. Aquele que tem escassos conhecimentos de certa matéria, ciência ou arte; aprendiz*” (Ferreira, 2016, p. 95).

Tanto na origem latina da palavra aluno quanto nas definições de Houaiss e de Aurélio, há alusão à possibilidade de nutrição e crescimento. Aluno é aquele que tem necessidade de desenvolver algo que ainda não lhe está presente em *acto*, utilizando uma terminologia aristotélica, e que existe em sua condição como possibilidade de ser. Nessa versão filosófica, existe a dimensão da incompletude do ser humano enquanto criança que traz em si a possibilidade de vir a ser adulto.

Lei da violência doméstica angolana

A Lei n.º 25/11, de 14 de Julho veio unificar no ordenamento jurídico nacional, o acervo normativo relativo à violência doméstica. Descreve que:

Considerando que a família é o núcleo fundamental da sociedade, exigindo protecção redobrada e especial, de acordo com os princípios consagrados na Constituição da República de Angola;

Reconhecendo que a violência doméstica é um flagelo social que contribui para a desestruturação e instabilidade emocional das famílias e, conseqüentemente, da sociedade;

Atendendo ao facto de que os direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados em harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e outros instrumentos de direito internacional, regularmente aprovados e formalmente integrados no direito angolano;

Havendo a necessidade de se prevenir e punir os actos de violência doméstica contra indefesos e debilitados física, psicológica e emocionalmente, exigindo maior cuidado dos sujeitos obrigados a protegê-los;

Urgindo a necessidade de se proteger a sociedade de actos de violência contra a mulher, homem, criança, idoso e adolescente, enquanto sujeitos vulneráveis à agressão.

Consagra várias respostas na vertente jurídico-penal, dirigidas à protecção integral da vítima.

1.2. Família e violência doméstica

A família é a unidade e célula básica da sociedade. De acordo com Demartis (2012, p. 259) família é “um grupo de pessoas, conectadas por emoção e/ou sangue, que vive junto o tempo suficiente para ter desenvolvido padrões de interacção e histórias que justificam e explicam padrões de interacção” ou ainda, “grupo relativamente estável de indivíduos ligados por laços de sangue, matrimónio ou adopção, que vivem numa mesma habitação e formam uma unidade económica”.

Nas palavras de Demartis (2012), família seria um sistema, por possuir padrões, estruturas e propriedades próprias para se organizarem nas estabilidades e nas mudanças, onde seus subsistemas comporiam suas partes que influenciam umas às outras. Dessa forma, as estruturas familiares redigiriam tanto as formas de organizações quanto as de dinâmica das relações, sendo constantemente influenciadas por esses subsistemas.

Essas definições apontam para a possibilidade da família afectar e ser afectada pelas contínuas mudanças sociais. Verifica-se, por exemplo, que a família nuclear ainda postulada nos dias actuais não foi nem é um modelo unívoco. Na verdade, a história aponta que ela tornou-se comum a partir da urbanização e do processo de industrialização ocorrido com a revolução científica (Nascimento, 2014).

Santos (2017) explica que, com as mudanças de conjunturas sociais os paradigmas familiares tendem a ser também reeditados. Logo, observa-se que os padrões constituídos ao longo da história vão redefinir os modelos de família e de dinâmicas familiares. Dessa forma, historicamente falando, pode-se dizer que a família transformou-se ao longo do tempo, possuindo diversos modelos e que os seus membros possuíram diferentes papéis relacionados ao modo de produção, às demandas económicas, às diferenças sexuais e de género, ao desenvolvimento sócio histórico da humanidade, e da propriedade privada.

É necessário “compreender que as famílias são diferentes em diferentes contextos” (Demartis, 2012, p. 37). Assim, as mudanças culturais e socioeconómicas continuam influenciando directa ou indirectamente a família e para isso é necessário pensar em famílias, na pluralidade de estruturas e dinâmicas. E, de tal forma, ampliar as definições de família avaliando suas especificidades e nuances que haveria na família como um grupo constituído de pais e filhos (as) ou em um casal sem filhos (as), nas famílias mistas com a junção de pais que se casaram novamente e que trazem para este núcleo meios-irmãos(as), entre outros – onde todos(as) precisam se organizar e se adaptar para proporcionar aos seus membros educação e segurança, criando um ambiente de bem-estar.

Costa, (2014, p. 74), sustenta que, imagina-se que o modelo de família, idealmente constituído no escopo tradicional burguês formado por progenitores e filhos(as) separando os locais públicos e privados, deveria ser um espaço onde existem protecção e cuidado. Mas, mesmo *“a par da família abrigo, lugar de intimidade, afectividade, autenticidade, privacidade e solidariedade, surgem imagens da família como espaço de opressão, egoísmo, obrigação e violência”*.

É preciso se aprofundar nos estudos referentes à ocorrência do fenómeno da violência num contexto familiar, onde se percebe família como sendo um local que deveria proporcionar segurança; neste sentido é necessário analisar como surgem os episódios de violência no ambiente doméstico e como as manifestações dos actos de violência surgem neste grupo de pessoas, mesmo, como já foi dito, que seja contraditório se pensar em violência num ambiente assim.

É pertinente ao analisar o contexto familiar de violência, quando em decorrência desses factores uma grande maioria de mulheres passa a viver em situações de isolamento “com poucas possibilidades de buscar recursos na própria família e na comunidade ou em instituições, o que as leva a se apresentarem inseguras e incapazes de romper o ciclo da violência em que vivem” (Nascimento, 2014, p.14).

Pensando em como esses padrões disfuncionais estão presentes na dinâmica familiar a pesquisa realizada por Deeke, et al., (2019, p.48) traz que os motivos mais apontados na dinâmica familiar que levaram as agressões *“foram o ciúme, o homem ser contrariado, ingestão de álcool e a suspeita de traição”*.

Factores semelhantes com os relatados pela pesquisa realizada por Vieira (2018), em que acrescentou o desemprego, a falta de afecto e de diálogo, dentre outros como factores de risco, que desencadeiam violência contra a mulher.

Outro factor de risco que aparece na literatura diz respeito às experiências de violência familiar vivenciadas na infância, quando mulheres vítimas de violência no núcleo familiar afirmam já terem presenciado agressões contra suas mães, ou mesmo quando *“mulheres que reportam terem sido vítimas de violência durante a infância são mais susceptíveis de vivenciar agressões por parte de seus parceiros actuais”* (Silva, et. al., 2014, p.124).

Episódios relacionados a estas situações de violência podem levar a uma reflexão onde esse tipo de “experiência pode diminuir a capacidade das mulheres de se protegerem no futuro, estando associada a pouco apoio familiar na vida adulta, além de reiterar a ideia de que a violência é natural” (Nascimento, 2014, p.14).

Falar sobre violência familiar é sempre um tema muito complexo. Silva (2014) reforça essa afirmação quando descreve, em suas pesquisas, que acontecimentos violentos vividos na infância podem influenciar na vida adulta de maneira tal que as pessoas envolvidas nesse contexto violento continuam a aceitar o modelo de violência vivido quando crianças, sendo que, nesses casos, as vítimas de violência repetem comportamentos violentos quando agem de forma violenta em seus relacionamentos actuais ou mesmo quando são complacentes com seus agressores e admitem serem vítimas de agressões.

Portanto, *“pensar a violência doméstica é necessariamente, pensar as relações de homem e mulher, relações assimétricas, hierarquizadas, porém, é necessário pensar que concepções de família estão subjacentes a essa relação”* (Nascimento, 2014).

Relação esta que entre “homens e mulheres tem mostrado carácter de dominação, sendo designada para a mulher a condição de submissão, retratada em obediência, reprodução, cuidadora do lar e da educação dos filhos” (Monteiro, et al., 2017, p.27). Por tempos a intenção deste discurso foi o de naturalizar os atributos femininos, caracterizando-os como sendo relativos ao sexo e/ou mesmo como um modelo culturalmente aceito demarcando os aspectos género culturais.

Esta afirmação vai de encontro ao que acontece quando de alguma forma “a família moderna reproduz a desigualdade social existente no que se refere às expectativas geradas sobre o comportamento de homens e mulheres”, quando os papéis de género são repassados a homens e mulheres como sendo inerentes a suas condições biológicas, e com base nestes argumentos “as relações familiares são permeadas por relações de poder, nas quais as mulheres como também as crianças, obedecem ao homem, tido como autoridade máxima no núcleo familiar” (Gomes, et. al., 2017, p.16), sendo este também um papel que a sociedade designou ao homem, onde segundo as mesmas autoras o poder do homem é legitimado tanto no papel de esposo em relação à mulher como no papel de pai diante dos filhos.

Também se configurando como violência de género, a relação entre parceiros marcada por uma relação de subordinação e dominação, onde expressa uma dinâmica de afecto e poder. Tendo em vista que “essa dinâmica relacional pode ser propiciada na medida em que a divisão interna de papéis admite uma distribuição desigual de privilégios, direitos e deveres dentro do ambiente doméstico” (Deeke, et. al. 2019, p.49).

1.2.1. Dinâmica de violência: consequências “naturais” para a família

Em posse dos dados do Ministério de Acção Social, Família e Promoção da Mulher (MASFAMU), é preciso pensar nas consequências da violência envolvendo tanto as mulheres/mães quanto as crianças/filhos, pois ampliando o grupo das vítimas, amplia-se também o campo das consequências. Sendo assim “os maus tratos infligidos a mulher repercutem em perdas significativas na saúde física, sexual, psicológica e nos componentes sociais, este último como rede de apoio para a qualidade de vida” (MASFAMU, 2021):

O Ministério de Acção Social, Família e Promoção da Mulher (MASFAMU) registou durante o ano de 2021, em todos países, 2929 casos de violência doméstica, através dos centros e salas de aconselhamento familiar. Sendo 1604 de abandono familiar, 759 de violência psicológica, 170 de violência sexual e 87 de violência física.

Ainda falando sobre a relação das consequências da violência conjugal os *“danos na vida da mulher são marcadas pela baixa auto-estima, pelo medo, pelo isolamento social e até pela incorporação do sentimento de culpa”*.

Pesquisa recente aponta que, via de regra, a mulher não rompe com essa realidade por vergonha de que os outros saibam que ela sofre violência, por medo de serem assassinadas ao romper a relação, por pensar nos(as) filhos(as), por depender economicamente do marido, por acreditar que ele não fará mais quando o algoz se desculpa, por acreditar que vai mudá-lo, entre outros (MASFAMU, 2021).

Neste contexto de violência é importante compreender o que leva a mulher a *“ser condescendente e compreensiva, buscando encontrar justificativas para as agressões, atribuindo-as ao alcoolismo, falta de trabalho, situação de dependência dentro da família, falta de recursos financeiros, nervosismo do companheiro”*. (Audi, et. al. 2014, p. 91). Para estes autores as mulheres usam essas *“justificativas”* de forma a minimizar a carga de responsabilidade do agressor, no caso o companheiro íntimo, dificultando ou até mesmo retardando que uma decisão seja tomada de forma que possibilite o rompimento do ciclo da violência familiar.

Pensando-se sobre os diversos danos que a violência pode causar para as vidas das mulheres vítimas de violência encontram-se em maior escala os de ordem física. Entretanto, é preciso verificar como a violência doméstica também está associada aos danos na saúde mental.

Com isso pesquisas realizadas que analisaram as consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente vêm corroborar o facto de que *“apesar de a possibilidade da violência familiar vitimizar directamente apenas um integrante da família, indirectamente, seus efeitos são observados em todos os membros do núcleo familiar”*. Portanto, a literatura vem trazer que as consequências da exposição de crianças à violência conjugal podem se reflectir em problemas de comportamentos, dificuldades de aprendizagem, ansiedade, comportamentos agressivos, indiferença e entre outros.

Em consonância com a afirmação acima, Silva (2019), revisando a literatura, também relata que os filhos de mulheres vítimas de violência conjugal estão sujeitos às consequências da violência e que presenciar a violência entre o casal aumenta a

probabilidade de a criança vir a desenvolver depressão, ansiedade, transtorno de conduta e atrasos no desenvolvimento cognitivo, além dos riscos já expostos acima. Com isso acredita-se que “a violência presenciada ou sofrida na infância ou adolescência tem uma importância fundamental na estruturação do psiquismo humano” (Silva, et. al., 2019, p.125).

Em suma, foram essas as problemáticas que geraram inquietações e motivaram o interesse em realizar uma pesquisa voltada para a violência presente nas relações familiares, sobretudo, sua influência e efeitos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

1.3. Violência doméstica e o papel da escola

Discutir a temática violência nos mais diversos espaços da sociedade parecem algo urgente, pois esse tema vem ganhando foco em vários debates, nos mais diferentes contextos. Assim, diante das mais diversas formas de como a violência pode se revelar, consideramos importante destacá-la, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), onde a violência é:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2019).

Nesse contexto, abarcando o universo infantil, sabemos que muitas crianças vivenciam diferentes formas de violência no contexto doméstico e que, em muitos casos, frequentam as escolas, por isso consideramos relevante analisar como as escolas vêm se aproximando deste fenômeno, ou seja, como enfrentam a violência familiar que a dentro os muros da escola, através dos alunos que as sofrem, buscando entender seu papel fundamental na identificação do problema e na prevenção, a partir de um trabalho conjunto, relacionando escola e família. Certamente, na questão da família, devemos (re) conhecer que muitas possuem diversas dificuldades, valores e crenças que precisam ser.

Entendemos violência doméstica como aquela sofrida dentro do ambiente familiar, praticada entre os membros que a compõem. Segundo Day, et al (2018, p. 10) existem quatro formas mais comuns de violência intra-familiar: física, psicológica, negligência e sexual. Segundo os autores citados, a violência doméstica é:

Toda acção ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue (Day, et al, 2018, p. 10).

Nesse contexto, vale destacar que crianças são as principais vítimas desses tipos de violência, sendo elas vítimas direitas ou indirecta. Segundo Almeida, et al., (2017) a violência directa é quando a agressão é voltada especificamente à criança, e de forma indirecta quando sofrem consequências por presenciarem algum tipo violência. Concordamos com os autores, quando citam que a violência cometida contra as crianças gera prejuízos em sua saúde mental e física.

Por conta disso, é essencial manter-se atento aos detalhes emitidos pelas crianças, pois a sua fala e acções podem demonstrar que estão vivenciando situações de violência dentro de seu ambiente familiar. Desta forma, concordamos com Brino e Souza (2016, p. 53):

Em virtude disso, é de extrema importância desmistificar a violência e quebrar crenças como a de que o lar será sempre um lugar seguro e protector para a família, que intrusos não devem violar este espaço sagrado e nem se meter nos problemas familiares. No entanto, na grande maioria das vezes os agressores fazem parte deste lar sagrado, e para as vítimas estar em casa é similar a uma tortura, é vivenciar a dor e o medo.

Alguns dados disponíveis no Balanço de denúncias do INAC (2022) mostraram que as denúncias de violência contra crianças e adolescentes tiveram a casa da vítima como local onde concentra a maior percentagem de violações, seguido da casa do suspeito com 26%. Outros locais somam 8% (igrejas ou templos religiosos, local de trabalho, entre outros), rua com 7%, escola com 3% e 2% órgãos públicos (INAC, 2022).

Isso demonstra o quanto as crianças, principalmente aquelas de faixa etária menor, estão expostas aos perigos dentro de seu lar, o que desampara a criança e contribui para uma vida não saudável. Conviver com pessoas agressivas ou com a violência pode influenciar na personalidade e formação da criança.

A obrigação de conviver com seu agressor e enfrentar o pacto do silêncio que costuma envolver as pessoas mais próximas nesse tipo de situação, são factores que podem gerar efeitos catastróficos na formação da personalidade desses sujeitos que ainda não chegaram à fase adulta (INAC, 2022).

Assim, o maior ou menor contacto desses sujeitos com a violência, desde muito cedo, seja em sua forma directa ou indirecta, contribuem no desencadeamento de diversos factores, tais como: depressivos, mudanças de humor, comportamento e relações pessoais com seus pares, que levarão para uma adolescência conflituosa.

Muitos estudos mostram que crianças que vivem em um ambiente violento tendem a tornarem-se crianças também violentas que, futuramente podem perpetuar violências sofridas na infância.

Rodrigues e Chalhub (2014, p. 78), filhos de famílias que tiveram a violência como padrão de interacção e modelo de educação, podem reproduzir o contexto familiar violento quando da formação das suas famílias. É importante, portanto, tentar compreender o fenómeno da violência intra-familiar pensando nas suas consequências para a criança, e na possibilidade ou não de repetição da violência no momento de exercer a paternidade.

O papel fundamental da escolar (comunidade educativa) diante dos maus-tratos é amplamente discutido e reconhecido pela literatura científica. Identificar tais situações, ouvir e acolher a família, e dar início a acções interdisciplinares são acções muito valiosas e que cabem à escola (Lyra, *et al.*, 2016). Entretanto, tal como acontece com profissionais de outras áreas, em maior ou menor grau, essas funções nem sempre são efectividades pelos professores por medo do envolvimento em conflitos de família, considerados “particulares”, por receio de represálias, por despreparo técnico e emocional e pelo não reconhecimento de seus papéis na rede de atenção.

Por exemplo, os professores de escolas municipais de Salvador identificaram as seguintes práticas como papel da escola em face de maus-tratos contra crianças e adolescentes: convite e advertência à família, realização de actividades educativas com as famílias consideradas abusivas, encaminhamento dos casos a órgãos de atenção e apoio à criança e, quando couber, denúncia às agências competentes, tais como conselhos tutelares e Ministério Público.

1.4. A natureza da violência doméstica no âmbito familiar

A violência familiar é uma forma de violência interpessoal que atinge crianças e adolescentes. Mantém-se historicamente crónica nas sociedades por meio da cultura que legitima o uso da força como acção educativa, colocando crianças e adolescentes, pela pouca idade e poder, como grupos vulneráveis. Detalharemos, a seguir, a natureza da violência familiar que atinge crianças e adolescentes.

De acordo com Nascimento (2022, p. 88), existe quatro tipos da violência doméstica: violência física; violência psicológica, violência sexual e negligência.

1.4.1. Violência física

A violência física é a mais comum e frequente na sociedade. Para Cunho (2014) a violência física é o uso da força, mediante socos, pontapés, ou ainda arremesso de objectos, entre outros, com o objectivo de ofender a integridade da vítima, deixando-a com marcas visíveis, ou não. Estas acções são previstas também no Código Penal, configurando os crimes de lesão corporal e homicídio e mesmo na Lei das Contravenções Penais.

Dias (2019) considera que mesmo que a agressão não deixa marcas aparentes, o uso da força que cause ofensa à saúde ou ao corpo da vítima já configura *vis corporalis*, expressão que define a violência física. Na opinião da psicóloga Ochotorena (1988), referenciado por Nascimento (2022, p. 88) refere que, a violência física é toda qualquer acção não accidental, por parte dos pais ou responsáveis que provoque dano físico ou enfermidade na criança. Outro factor importante é o stress crónica gerado em razão destes actos de violência, que podem fazer com que haja sintomas físicos, como dores de cabeça, fadiga crónica, dores nas costas e até distúrbios no sono.

A maioria das crianças que sofrem maus tratos apresenta alguns indicadores que podem ser úteis na identificação de um acto de violência. Apresentam lesões físicas, tais como: hematomas, queimaduras, feridas, cortes, fracturas e outras. É também de ter em atenção que a violência física, como fenómeno de síndrome da criança espancada, se refere normalmente à criança de baixa idade que sofre ferimentos, fracturas ósseas, queimaduras, ou outros sintomas, decorrido em situações sempre inadequadas ou inconscientemente explicadas pelos pais.

Por isso, o diagnóstico tem de recorrer a evidências dos respectivos ferimentos. Existem alguns indicadores na criança ou no adolescente que mostram quando devemos desconfiar de casos de violência física. Nascimento, et al., (2022) referiram a importância de estar atento a situações em que a criança ou o adolescente:

- Desconfia dos contactos com os adultos;
- Está sempre alerta esperando que algo ruim aconteça;
- Tem mudanças severas e frequentes de humor na presença de alguém próximo a ela;
- Demonstra receio dos pais (quando é estudante procura chegar cedo à escola e dela sair bem mais tarde);
- Apreensivo quando outras crianças começam a chorar;
- Demonstra comportamentos extremos: agressivo, destrutivo, excessivamente tímido ou passivo, submisso;
- Apresenta dificuldades de aprendizagem não atribuíveis a problemas físicos;
- Revela que está sofrendo violência física.

1.4.2. Violência psicológica

Segundo a revista do Estatuto da Criança e do Adolescente (Apud Nascimento, et al., 2022), a violência psicológica “é o acto de rejeitar, isolar, aterrorizar, ignorar, corromper, depreciar, discriminar, desrespeitar e criar expectativas irreais ou exigir rendimentos escolares, intelectuais, desportivos ou interferir negativamente sobre a criança e o adolescente, utilizando-os a uma auto-imagem negativa e fraco desempenho ou estimulando na criança um padrão de comportamento destrutivo”.

Este tipo de violência é uma das formas mais difíceis de identificar, podendo estar presente não apenas na família, mas também em outros espaços de convivência da criança ou adolescente. Lombá, et al., (2020, p. 22) afirmam que, a violência psicológica é entendida como qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da auto-estima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas acções, comportamentos,

crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento coercivo, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização e exploração, ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

A interferência do adulto sobre a criança, quando recorre a procedimentos como os descritos, produz um padrão de comportamento destrutivo. Quando não se reconhece o valor da criança, quando se impede a criança de ter amigos, quando se praticam agressões verbais contra a criança, quando não se estimula o crescimento intelectual da criança, quando se induz a criança à prostituição, ao uso de estupefacientes, ao crime, está-se cometendo um acto de violência psicológica, o qual pode trazer graves danos ao seu desenvolvimento psicológico, físico, sexual e social.

1.4.3. Violência sexual

Segundo Azevedo e Guerra (2018), violência sexual é todo o acto ou jogo sexual entre um ou mais adultos e uma criança, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança, ou utilizá-la para obter satisfação sexual. É importante considerar que no caso de violência, a criança é sempre vítima e jamais culpada e essa é uma das violências mais graves pela forma como afecta o físico e o emocional da vítima. O crescente número de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes leva-nos a deparar com um triste realidade mundial que não escolhe classe social, raça e religião.

Qualquer criança e jovem pode ser vítima de tal acto. Uma das melhores formas de prevenir a violência sexual é o diálogo franco sobre o tema, sem tabu, sem constrangimento e medo. De acordo com a Lei angolana (Lei nº 25/11 de 14 de Julho de 2011), Lei contra Violência Doméstica, artigo 15º, os actos de violência contra crianças e adolescentes são passíveis de punição, sendo referidos, entre outros, os seguintes actos: apalpação sem consentimento às crianças eróticas, observar a nudez de crianças e adultos sem ser percebido, ser obrigado a tocar e acariciar os genitais de um adulto, fotografar crianças em poses ou situações eróticas e um adulto sugerir a qualquer criança ou adolescente situações que envolvam sexo ou estupro.

1.4.4. Negligência

O conceito da negligência como forma de violência deve ser analisado através de indicadores que estão associados às responsabilidades da família. Para isso, vale a pena ter em consideração o que afirma Moreshi (2018, p. 15):

Negligência é a ação e omissão de responsáveis quanto aos cuidados básicos na atenção, como a falta de alimentação, escola, cuidados médicos, roupas, recursos materiais e/ou estímulos emocionais, necessários à integridade física e psicossocial da criança e do adolescente, ocasionando prejuízos ao desenvolvimento. Isto caracteriza o abandono, que pode ser parcial ou total. No parcial coloca a criança e adolescente em situação de risco; no total elas ficam desamparadas e ocorre o afastamento total da família.

Portanto, este tipo de violência ocorre “quando os pais e/ou responsáveis falham em termos de oferecer cuidados físicos, emocionais e sociais e quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle”. Para Oliveira, et al., (2022) estas formas de violência contra as crianças e adolescentes aumentam o risco de problemas mentais, sendo de grande importância cuidar das vítimas, quando estiverem na fase infantil, pois estas situações geram maior probabilidade de sofrerem violências na adolescência e até mesmo de se transformarem em potenciais agressores quando forem adultos.

1.5. O papel da escola

Segundo Ristum (2016) a importância da escola na abordagem da violência doméstica e familiar fica ainda mais evidente quando se considera que crianças e adolescentes têm contacto diário e prolongado com ela e com seus profissionais e quando se coloca que, em grande parte dos casos, ela se constitui na única fonte de protecção, especialmente para as crianças e adolescentes que têm familiares como agressores e não encontram, em outros membros da família, a confiança e o apoio necessários à revelação da violência.

Entretanto, a escola necessita de muito cuidado ao conversar com essas famílias, Muraro (2008) nos diz que as conversas com os pais e responsáveis é muito importante, porém é necessário que os profissionais tenham uma escuta acolhedora, que haja negociação, tendo um diálogo aberto e honesto.

Construir juntamente com a família, alternativas de mudanças, para que ela encontre reais possibilidades de introduzir novas formas de relacionamento e de

educação. Dessa forma, as escolas e seus profissionais precisam estar atentos, tendo em vista sua responsabilidade como instituição protectora dos direitos de crianças, proporcionando um ambiente com escuta acolhedora e compreensiva.

É preciso que a equipa escolar tenha consciência de que sempre poderá ajudar diante da suspeita ou de caso confirmado de maus-tratos contra uma criança ou um adolescente. No entanto, os profissionais envolvidos precisam estar seguros antes de tomar qualquer atitude. Ou seja, ao suspeitar ou descobrir que uma criança está sendo abusada, o caso não deve se tornar uma emergência a se resolvida imediatamente, sem planeamento adequado (Lyra, et al., 2016, p. 166).

Sobre tal planeamento é importante destacar a formação dos professores e demais profissionais da escola envolvidos, pois é desejável que se tenha um conhecimento sobre como lidar com os maus-tratos/violência e intervir de forma ágil e necessária, minimizando os riscos possíveis à criança.

Acreditamos que tal temática deve sempre estar presente na agenda de reuniões de conselho pedagógico, em cursos de formação continuada, em palestras a todos os indivíduos que estão inteiramente em contacto com as crianças, pois essa é uma ferramenta que auxilia no processo, a identificar a violência doméstica, bem como a melhor maneira de lidar com ela.

Garbin, et al., (2018, p. 209), sustenta que, cada profissional, em sua respectiva área de actuação, tem por obrigação estar atento à ocorrência de possíveis casos de maus-tratos e violência sexual entre as crianças com quem convive, assim como médicos, psicólogos, dentistas e professores de educação infantil que, diariamente, relacionam-se com crianças.

Esse contacto de profissionais da educação infantil com as crianças acontece das mais diversas formas, seja no cuidar e/ou educar, em rotinas diárias, por exemplo, no cuidado com a higiene pessoal (hora do banho), e em momentos de descontração (rodas de conversa). Ter um olhar atento e afectivo para com cada criança demonstra um fortalecimento de vínculo que se estabelece e nessa relação se proporciona diversas trocas, sendo uma delas a confiança.

Acreditamos que as crianças irão se abrir, expor suas feridas, seus sentimentos apenas para as pessoas que lhe transmitem sensações acolhedoras,

que lhe passem segurança; o educador precisará ter esse olhar e esse cuidado, pois uma reflexão que se tem é: em quem essa criança confiará, se sua família, seu “lar seguro” são quem a agride?

Entendemos que essa relação professora luno pode auxiliar na prevenção das consequências da violência, minimizar o sofrimento de crianças expostas a tal situação, e o mais importante: identificar quando uma criança está vivendo sobre qualquer tipo de violência.

Concordamos com Garbin, et al., (2018) que “o diagnóstico dos maus-tratos na infância é difícil; as crianças tendem a esconder a real causa das lesões, quer por medo, quer por afecto, uma vez que os agressores geralmente são os pais ou responsáveis” (Garbin, et al, 2016, p. 109).

Também no trabalho pedagógico é possível identificar rastros da violência doméstica. Essa violência afecta o desenvolvimento educacional da criança, impossibilitando-a de aprender e superar desafios. Erikson (1976) considera que a personalidade da criança se desenvolve em etapas caracterizadas por crises e que nos anos iniciais de escolarização fundamental predomina a vivência de conflitos entre o senso de realização e o senso de inferioridade, expressando-se pelo desejo das crianças de mostrarem-se competentes e com capacidade produtiva.

No geral, todo o desempenho da criança deve ser levado em consideração, não apenas características pessoais, mas também o seu ambiente familiar e escolar, pois todos esses factores corroboram para facilitar ou prejudicar suas potencialidades e habilidades.

Segundo Bezerra (2018), a criança que sofre violência doméstica fica com o seu desenvolvimento prejudicado, pois os efeitos negativos da violência doméstica podem ser observados no funcionamento cognitivo e emocional e na vida escolar e social.

Magalhães, et al., (2017) apontam que, independentemente do maior ou menor percentual, o facto é que indivíduos que sofreram violência doméstica na infância e/ou adolescência, equimoses, hematomas, contusões, entre outras, tendem a apresentar grandes dificuldades de relacionamentos, humor infeliz, sintomas depressivos e dificuldades de aprendizagem. O acto da violência intra-

familiar para a saúde e desempenho escolar de adolescentes deixa claro a importância dos profissionais da saúde e dos educadores no processo de identificação do fenómeno (Magalhães, et al., 2017, p. 2).

Nesse sentido, estudar os reflexos da violência doméstica em crianças do Ensino Primário se torna cada vez mais necessário, não só em razão da complexidade de tal fenómeno, bem como compreender a actuação dos profissionais da área e também para se pensar a escola não apenas como local de aprendizagem, mas também de socialização, reconhecendo seu papel de agente comunitário, que previne círculos de violência e garante a protecção integral de todos os direitos da criança.

1.6. A violência doméstica e suas repercussões no ambiente escolar

A compreensão da violência doméstica configura-se como um desafio para os gestores e para os profissionais que actuam no campo da educação, pois é preciso considerar as várias formas de violência a que crianças ou adolescentes podem estar submetidos, como a violência física, a sexual e a psicológica que inclui negligência e abandono (Santos, et al., 2015).

A escola é uma instituição de extrema importância para a criança, tanto pelo papel de ensinar quanto pelo potencial para a construção de estratégias de combate da violência (Carlos, et al., 2017), pois a escola configura-se como ambiente favorável para a observação de casos de maus-tratos infantis na medida que abrange significativo percentual da população infantil. Nesse ambiente, as crianças passam muitas horas por dia convivendo com professores e outros profissionais, o que facilita a apreensão de indicadores de violência contra a criança, incluindo os de negligência, que servem de alerta à identificação de casos de maus-tratos infantil (Pasian, et al., 2015).

Segundo Teixeira (2017, p. 27), o ambiente familiar influencia o comportamento que a criança expressa no ambiente escolar. O autor afirmava que as crianças e os adolescentes que testemunham a violência ou que são agredidos por seus familiares tendem a apresentar comportamentos agressivos e anti-sociais fora de casa, principalmente na escola. “Os padrões aprendidos pelos filhos

tendem a se repetir, uma vez que a violência passa a ser a principal forma de mediar as relações sociais entre os membros dessas famílias” (Teixeira, 2017, p.27).

Contrariando as expectativas sociais em relação ao papel de protecção que o núcleo familiar deveria desempenhar, muitas famílias apresentam-se como cenários de violência para inúmeras crianças e adolescentes. São consideradas vítimas tanto sujeitos que sofrem o abuso, quanto crianças e adolescentes que testemunham situações de abuso, principalmente de um progenitor ao outro.

Preto e Moreira (2015) investigaram o aprendizado de crianças e relataram que os filhos de mulheres vítimas de violência doméstica obtiveram rendimento escolar inferior ao dos filhos de mulheres não vítimas, confirmando que a violência intra-familiar é um factor gerador de deficit no desenvolvimento da criança.

É notório que crianças vitimizadas apresentam dificuldade de atenção e aprendizagem, assim como problemas de comportamento (Ribeiro, *et al.*, 2015). Os mesmos autores, analisaram 1.284 crianças de três a seis anos na área urbana de Lanzhou, China, e afirmaram que crianças vítimas de algum tipo de violência apresentaram maior taxa de problemas comportamentais quando comparadas àquelas que não foram expostas a actos violentos. Dessa forma, os problemas comportamentais em crianças pré-escolares foram correlacionados à violência intra-familiar.

Os efeitos da violência doméstica sobre o comportamento disciplinar e sobre o desempenho académico de alunos vítimas de violência doméstica foram relatados por professores na investigação realizada por Ristum (2016). Quanto ao aspecto disciplinar, o autor relatou comportamentos agressivos, desobediência, dificuldade de relacionamento, tendência ao isolamento ou agitação, quanto ao aspecto académico, por sua vez, foi descrito que a maioria possui baixo rendimento escolar, dificuldade de aprendizagem, desinteresse e desatenção. Outros comportamentos que podem indicar violência no âmbito familiar foram citados como distanciamento dos colegas, não conversar e não brincar, timidez, introversão, retraimento e distanciamento do convívio.

Outro aspecto que deve ser considerado no contexto escolar é que a agressividade de crianças vítimas de maus-tratos familiar causa rejeição por parte

dos colegas e dos professores, aumentando o descontrole emocional e afecta os processos de aprendizagem (Almeida, *et al.*, 2017).

A pesquisa feita por Silva (2014) investigou os efeitos da violência doméstica sobre as relações interpessoais em sala de aula, indicando que a violência em sala de aula é reflexo da violência doméstica. As famílias, por sua vez, responsabilizam a escola pelos actos de violência cometidos por seus filhos, entretanto os alunos que apresentam comportamento agressivo na escola relataram que sofrem violência física e/ou psicológica em casa por seus pais ou parentes, o que os deixam revoltados e estimulados a praticar actos desagradáveis no ambiente escolar. Portanto, o comportamento agressivo de pais ou responsáveis interfere directamente no processo educacional dos filhos, sendo projectado em sala de aula, estimulando a agressividade da criança tornando-a impaciente e revoltada (SILVA, 2014).

A violência familiar pode ser detectada em escolas a partir de alguns indicadores: ausência frequente do aluno, baixo rendimento, falta de atenção e de concentração e comportamentos como apatia, passividade, agressividade e choro (Lima, 2016). As crianças, de forma inconsciente tendem a dar sinais de que estão a vivenciar algum tipo de violência em seu meio familiar.

Ristum (2016) investigou como os professores identificam a violência doméstica e relatou que as crianças possuem diversas formas de demonstrar que são vítimas ou que presenciam a violência familiar, desde marcas ou ferimentos no corpo a comportamentos agressivos ou isolamento e retraimento, até sinais mais subtis como a projecção dos conflitos familiares nos desenhos e no brincar.

Segundo Jackson *et al.* (2015) as consequências de maus-tratos infantis podem ser consideradas um grave problema para o indivíduo, a família e a sociedade. O abuso infantil e a negligência podem causar mudanças hereditárias permanentes na resposta do organismo ao stress, que por sua vez inflige mudanças profundas no cérebro em desenvolvimento.

Embora essas mudanças permitam que uma criança consiga conviver em um ambiente negligente, caótico e até mesmo violento, isso pode influenciar fortemente o funcionamento comportamental, cognitivo, físico e mental, assim como o seu bem-estar ao longo da vida.

Os maus-tratos infantis podem gerar diversos resultados negativos para o desenvolvimento da criança no contexto escolar, como: evasão escolar, problemas de comportamento na escola, menor desempenho escolar, dificuldades em estabelecer amizades, problemas de aprendizagem em decorrência de factores emocionais, transferência da agressividade vivenciada em casa para o ambiente escolar, dentre outros aspectos (Patias,*etal.*, 2014).

O baixo rendimento escolar deve ser atribuído não só às características individuais da criança, mas também ao seu contexto familiar, escolar e social no qual a criança está inserida (Lima, 2016).

Os problemas relacionados às questões pedagógicas da criança vítima de maus-tratos estão relacionados às seguintes dificuldades: expressão oral, emitir as próprias opiniões de forma verbal ou escrita, resolução de problemas, raciocínio lógico matemático, interpretação de textos com conceitos subjectivos, produção de textos organizados com uma sequência de factos e coerência (Lima, 2016).

Moura,*et al.* (2014) afirmaram em suas pesquisas que as possíveis alterações advindas da violência doméstica estão relacionadas com a ansiedade, sintomas depressivos, culpa, vergonha, ódio, medo, raiva, ideação e comportamentos suicidas, baixa auto-estima, comportamento agressivo e regressivo, isolamento social, comportamento sexual inadequado à faixa etária, furtos, fugas do lar, prejuízo no desempenho escolar, alterações do apetite, dentre outros.

Uma pesquisa realizada por Lima,*et al.* (2016) evidenciou a associação entre maus-tratos e a presença de sintomatologia ansiosa. Crianças que sofreram violência apresentam uma maior vulnerabilidade a diversos transtornos de ansiedade ao longo da vida, incluindo agorafobia, transtorno do pânico, fobias específicas e fobia social. O tipo de abuso ou de negligência sofrido também impacta no tratamento ao transtorno de ansiedade, sendo que crianças que sofreram abuso sexual ou emocional apresentam maior sintomatologia de ansiedade social e dificuldades em aderir a um tratamento adequado.

A meta análise realizada por Ribeiro,*et al.*,(2015) encontrou associação significativa entre maus-tratos na infância e risco elevado para episódios depressivos recorrentes ao longo da vida. O estudo demonstrou, ainda, que pessoas

que sofreram maus-tratos na infância apresentaram pior prognóstico no tratamento para depressão, apresentando falta de resposta à terapia. Isso indica que os maus-tratos na infância podem gerar tanto uma maior vulnerabilidade à depressão quanto uma menor capacidade do paciente de estabelecer vínculo terapêutico e ter resultados positivos ao longo do processo terapêutico, gerando efeitos de longo prazo bastante deletérios para o indivíduo.

Os alunos que presenciam ou sofrem violência no ambiente familiar podem apresentar interferência em seu desenvolvimento emocional e comportamental, o que influencia na aprendizagem. Nesse contexto, é de suma importância retratar que a timidez e a apatia também foram citadas por professores como indicativos de que a criança está tendo algum tipo de problema familiar (Ristum, 2016).

Bazon e Faleiros (2015) consideraram que os educadores/professores estão bem posicionados para a identificação de uma ampla gama de casos de maus-tratos, devido ao facto de conviverem diariamente e entrarem em contacto com um grande número de crianças, em diferentes actividades.

Os educadores são capazes de observar mudanças de comportamentos e sinais físicos que funcionam como indicadores dos maus-tratos e, muitas vezes, também obtêm relatos infantis explícitos. Por essas razões, em muitos países, os profissionais da educação passaram a ser concebidos como atores fundamentais no sistema de protecção infantil.

Em relação aos prejuízos cognitivos, vítimas de maus-tratos apresentam níveis de inteligência geral inferiores a outros sujeitos. Prejuízos intelectuais em vítimas de maus-tratos trazem sérias consequências, tendo em vista que há evidência de que a questão cognitiva é o principal produtor do rendimento académico e laboral ao longo da vida.

O prejuízo na inteligência representa menor capacidade de lidar com eventos traumáticos, pois crianças com menor capacidade intelectual apresentam dificuldades de socialização, tais como habilidade em pedir ajuda ou solicitar atenção positiva de forma adequada (Almeida, 2017).

Diante dessa problemática, os profissionais da área educacional podem contribuir de forma efectiva para a intervenção em casos de maus-tratos infantis,

fazendo as notificações e estando cientes da obrigatoriedade desse ato para que possam ser tomadas as medidas necessárias considerando as especificidades de cada caso. No entanto, é necessário que esses profissionais recebam formação adequada para identificar e notificar a violência contra a criança (Pasian, *et al.*, 2015).

Lolli,*et al.* (2015) afirmaram que pesquisas em diversos países têm pontuado a necessidade de educação continuada para profissionais da área de assistência à saúde, educação e social, relacionada ao reconhecimento e relato de sinais e sintomas de violência infantil. Os educadores ainda mantêm uma posição de desinformação, indiferença, negação e temor em relação ao problema da violência contra a criança.

A violência doméstica interfere directamente no processo educacional e nas relações estabelecidas no contexto escolar, estimulando a agressividade e outros comportamentos inoportunos nesse meio, podendo significar um verdadeiro reflexo do tratamento recebido no ambiente familiar. Os profissionais da área de educação devem estar atentos, sensibilizados e capacitados para identificar e actuar ao menor sinal dado pelas crianças (Ristum, 2016).

1.6.1. A violência doméstica e sua interferência no processo de aprendizagem

Para compreender como a violência doméstica interfere no processo de aprendizagem é necessário verificar qual o seu conceito e como se dá esse processo. Silva (2023, p. 99) na sua abordagem salienta que a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo maturo, que se expressa, diante de uma situação problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência, [...] abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afectiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resultado de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

Ainda segundo Silva (2019, p. 100), o processo de aprendizagem sofre várias influências: “intelectual, psicomotor, físico social – mas é do factor emocional que depende grande parte da educação”. Assim sendo, a maneira como a criança é

tratada, se é rejeitada ou não, “a maneira pela qual ela se vê, [...] se sente, irão influir e muito em tudo que ela faz e, basicamente, em sua capacidade de aprendizagem”. Nesse sentido, a criança que é constantemente agredida, humilhada, desprezada, acaba por interiorizar esse tratamento, convencendo-se como merecedora de tudo isso, e conseqüentemente terá uma baixa auto estima, insegurança e sentimento de incapacidade de aprender.

De acordo com Mahoney e Almeida (2015, p. 26) “quando não são satisfeitas as necessidades afectivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino e aprendizagem, e, portanto, para o desenvolvimento do aluno”. Dessa forma, a criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada, tendo em vista que esses actos, de forma geral, são uma negação do afecto.

Nessas condições, a criança tem todo o seu desenvolvimento comprometido, pois a afectividade e o cognitivo se encontram em um mesmo plano, o que significa que todo e qualquer problema emocional irá reflectir na sua aprendizagem.

De acordo com Weiss (2004, p. 23 *apud* Silva, 2019), os aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afectivo e sua relação com a construção do conhecimento é a expressão deste através da produção escolar. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Neste sentido, Piaget (1978 *apud* Silva, 2019, p. 102) nos fala que “a inteligência pode desenvolver-se aquém ou além do seu potencial, dependendo do conjunto de influências e estimulações ambientais que alteram os padrões de comportamento do indivíduo”. Com base nessa afirmação, entende-se que as agressões sofridas pela criança e adolescente comprometem não só o seu desenvolvimento físico, mas também motor, social e cognitivo, o que pode levar a problemas de aprendizagem.

De acordo com Bee (2014, p. 153), a criança que sofre abusos físicos pode desenvolver diversos problemas, como depressão, ansiedade ou ainda problemas emocionais mais sérios, além de apresentar “QI mais baixo e pior desempenho escolar”. É importante salientar que “a criança é um todo e, quando apresenta dificuldades de aprendizagem, precisa de ser avaliada em seus vários aspectos.”

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos os métodos de investigação que foram aplicados no desenvolvimento desta investigação. Todavia, para a concretização desta pesquisa utilizamos um conjunto de métodos de nível teórico, empíricos e estatístico.

2.1. Tipo de Pesquisa

Para elaboração deste trabalho fizemos o recurso a pesquisa explicativa, coadjuvada pela pesquisa descritiva, esta via de pesquisa, tem como objectivo de recolher informações quantitativas e qualitativas de um assunto específico.

Segundo Amarilhas (2012, p. 60), o estudo retrospectivo é o estudo que se realiza exclusivamente em factos passados. São exemplos, os factos históricos. O passado pode ser recente ou distante no tempo.

De acordo com Vieira (2010, p. 49) a pesquisa explicativa é aquela que procura esclarecer os “porquês” que foram deixados para segundo plano pelas pesquisas exploratória e descritiva. O objectivo da pesquisa explicativa é apontar as causas e as consequências dos fenómenos observados e explicar os mecanismos e os processos envolvidos em todos os pormenores.

Deseja-se, com isso, estabelecer elementos de prova científica que liguem as variáveis em observação. A pesquisa procura entender quais os efeitos da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem, concretamente aos alunos da 4ª Classe, da escola do Ensino Primário nº 03, no Kuimba, província do Zaire no 1º trimestre de 2024.

Segundo Prodanov (2013, p. 52), a pesquisa descritiva consiste em registar e descrever os factos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenómeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizado as de recolhe de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

2.2. Modelo de abordagem

Utilizamos o modelo de abordagem, quali-quantitativa, visto que a pesquisa quali-quantitativa segundo, (Lakatos e Marconi, 2003), é um tipo de abordagem que usa tanto os métodos quantitativos quanto qualitativos, pois que, esta categoria de pesquisa possibilita um cruzamento muito maior dos dados e o peso da pesquisa.

Vieira (2010, p. 107) explica que as pesquisas quantitativas são aquelas que se propõem a explicar, por meio de dados quantificáveis, as causas, as consequências e as inter-relações entre os fenómenos. A abordagem qualitativa traz como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenómenos.

Escolhemos este modelo de abordagem na intenção de apresentar uma pesquisa objectiva que envolve descrição de dados, análise documental com opiniões diversas e o estudo de campo, de forma a compreender as consequências resultantes da violência doméstica, através da quantificação dos resultados e os objectivos palpáveis tendo em conta a população e amostra que envolve a pesquisa.

2.3. Nível de estruturação de métodos

a) Nível Teóricos

- **Análise e Síntese:** Estes dois procedimentos teóricos desempenham funções importantes na investigação científica. A análise é um procedimento teórico mediante o qual todo complexo se decompõe nas suas diversas partes e qualidades, já a síntese estabelece mentalmente a união entre as partes previamente analisadas e possibilita a descoberta das relações essenciais e características gerais entre elas. (Ramos & Naranjos, 2013).

Para o efeito, foi utilizado para consulta de teorias e bibliografias de outros autores que abordam aspectos sobre os efeitos da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem, assim como a apreciação, análise e interpretação de dados.

- **Hipotético – Dedutivo**, fazendo o uso deste método, um investigador propõe uma hipótese como consequência das suas inferências do conjunto de dados empíricos ou de princípios ou leis que partem do geral e, a seguir, ao particular, Ramos (2014, p. 115).
- **Histórico**, neste método, o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; “As instituições alcançaram sua forma actual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”. Lakatos e Marconi (2008, p. 107). Para o nosso estudo, foi utilizado para penetrar no objecto de pesquisa, conhecer os seus antecedentes, caracterizar o tratamento que tem tido.

b) Nível Empíricos

- **Bibliográfico**: “Visa a busca de informações bibliográficas, permitindo navegar nos pensamentos dos mais variados autores” Marconi & Lakatos (2003, p. 47). Com este tema foi possível consultar diversas escrituras que fundamentam as consequências resultantes da violência doméstica, tais como Livros, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de Doutorado, Site, revistas, jornais, etc.

c) Nível Estatístico

Conforme afirma o Gil (2008, p. 17), “este método se fundamenta na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais.” O mesmo autor, considera ainda que as explicações obtidas mediante a utilização do método estatístico não devem ser consideradas absolutamente verdadeiras, mas portadoras de boa probabilidade de serem verdadeiras.

Este método nos permitiu clarificar as probabilidades estatísticas da população e amostra que constituíram, o tema em estudo, conforme os dados apresentados nas tabelas e seus respectivos gráficos.

2.4. Técnica de recolha de dados

Para garantir o processo adequado da recolha de dados para o estudo, recorreremos às determinadas técnicas e instrumentos de mensuração correspondentes às obrigações de tratamento e interpretação de resultados. As técnicas que serão utilizadas no estudo são:

a)Entrevistas semi-estruturadas – Esta técnica permitiu a recolha máxima de informações de forma clara e precisa sobre os efeitos da violência doméstica na escola do Ensino Primário nº03, no Kuimba.

Segundo Cervo e Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de recolhe de dados e pode ser definida como conversa realizada face-a-face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

b)Inquérito por questionário; Um instrumento de colecta de dados com perguntas fechadas e escalas de avaliação que permitiu a obtenção de informações quantitativas sobre a frequência de evasão escolar, factores associados e a eficácia das estratégias de retenção. Distribuído entre alunos, professores para obter dados.

c) Técnica bibliográfica ou Documental – a pesquisadora envolveu-se em consulta de material adequado ligado ao tema em estudo: dicionários, livros, textos de apoio, pesquisa na Internet, brochuras, Web sites e br/scielo. etc.

Esta técnica foi utilizada para obtenção de bases teóricas e científicas para sustentabilidade dos factos e fenómenos que foram analisados, através de consultas de uma gama de livros e documentos com bases científicas.

d). Técnica estatística – na realização de um trabalho de investigação a referida técnica, ajuda-nos a interpretar os dados de forma científica, pois é uma técnica matemática orientada que se emprega para organizar, descrever, analisar e interpretar dados.

Esta técnica permitiu fazer a análise e interpretar os dados recolhidos que foram generalizados no universo ou população.

2.5. Procedimentos

Para a recolha de dados e informações, dirigimos uma carta de pedido de autorização dirigida à direcção administrativa da Escola, a fim de autorizar a realização da pesquisa. Depois da autorização do pedido de pesquisa pela direcção administrativa da instituição, seguiu a fase de colecta de dados através de entrevistas, dirigidas aos professores, alunos da 4ª Classe na escola do ensino Primário nº03. Cuimba /Zaire.

Os resultados foram depois, apresentados em tabelas e gráficos configurados a partir do Microsoft Excel e Word, para melhor esclarecimento. No que tange as citações, normas e referências bibliográficas, utilizamos a Norma APA (Associação dos Psicólogos Americanos), em conformidade com regulamento Interno do Instituto Superior de Angola – ISA.

2.6. População e amostra

População (ou Universo) é o conjunto de todos os elementos (pessoas ou objecto) cujo pesquisador está interessado em estudar, Amarilhas, (2012, p. 64). Ao passo que uma amostra, é constituída por um conjunto de sujeitos retirados de uma população.

A população do nosso estudo foi constituída por 170 sujeitos: todos os alunos da 4ª classe que frequentaram o I Trimestre no ano lectivo 2024/ 2025 e professores do ensino primário nº 3 Cuimba / Zaire.

A amostra da investigação foi constituída por setenta e nove (79) alunos da 4ª classe, seis (6) Professores da respectiva escola, que correspondem a 50% da população extraída através da técnica de amostragem probabilística que, segundo Freixo (2012, p. 212), A amostragem probabilística refere-se ao estudo ou análise de pequenos grupos de uma população) que utiliza formas de métodos de selecção aleatórios.

2.7 Dificuldades encontradas

Em termos de dificuldades encontradas durante a pesquisa, podemos referir o seguinte:

- Nos deparamos com dificuldades de escassez de obras de autores angolanos;
- As condições financeiras não foram favoráveis, pois não conseguimos comprar computador e impressora, razão pela qual recorremos a “Cyber cafés” para digitalização e impressão do trabalho;
- Em relação ao acesso de informação no campo de estudo, nos deparamos com dificuldades relacionadas à falta de sinceridade por parte de alguns entrevistados no que se refere às causas da evasão escolar dos alunos.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Caracterização dos entrevistados

Os entrevistados foram caracterizados segundo as variáveis sócio demográficas (género e tempo de serviço) bem como (causas e efeitos da violência doméstica na aprendizagem de alunos, desafios e consequências enfrentados, medidas de prevenção). Formam entrevistados neste trabalho setenta e nove (79) alunos da 4ª classe, com frequência na escola do Ensino Primário nº03, Kuimba, província do Zaire e seis (6) professores da mesma escola.

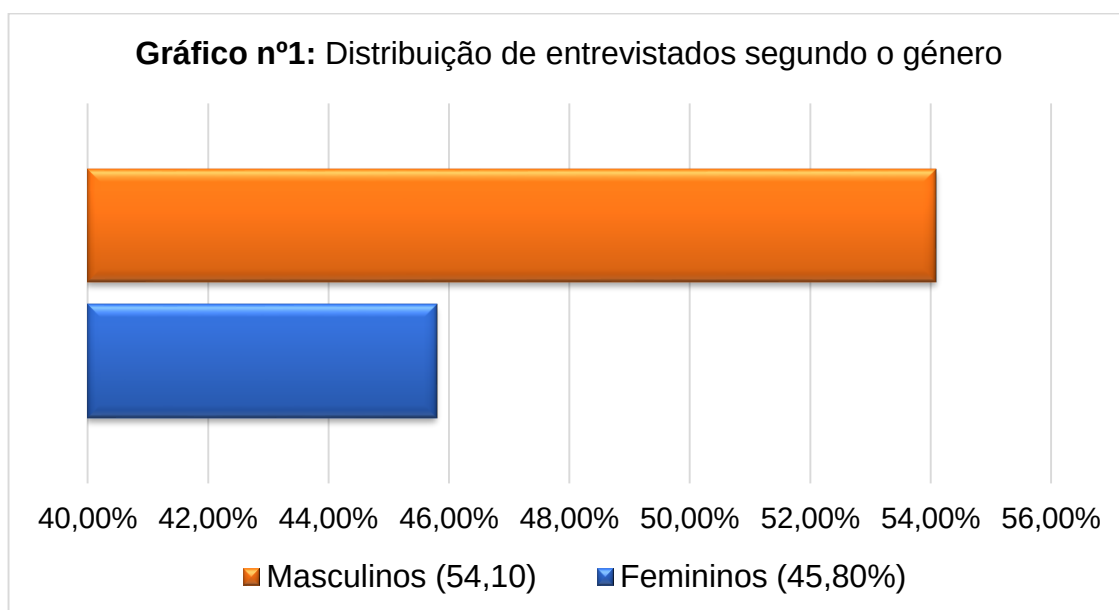
Para melhor compreensão da caracterização dos entrevistados, optamos por apresentar os dados e informações obtidos durante a pesquisa de campo, nas tabelas e seus respectivos gráficos e posteriormente segue uma breve análise e interpretação de acordo a percepção do pesquisador e em consonância com alguns autores pesquisados.

Tabela nº 1: Distribuição de entrevistados segundo o género

Idades	fr	Percentagem (%)
Femininos	39	45,8%
Masculinos	46	54,1%
Total	85	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Gráfico nº1: Distribuição de entrevistados segundo o género



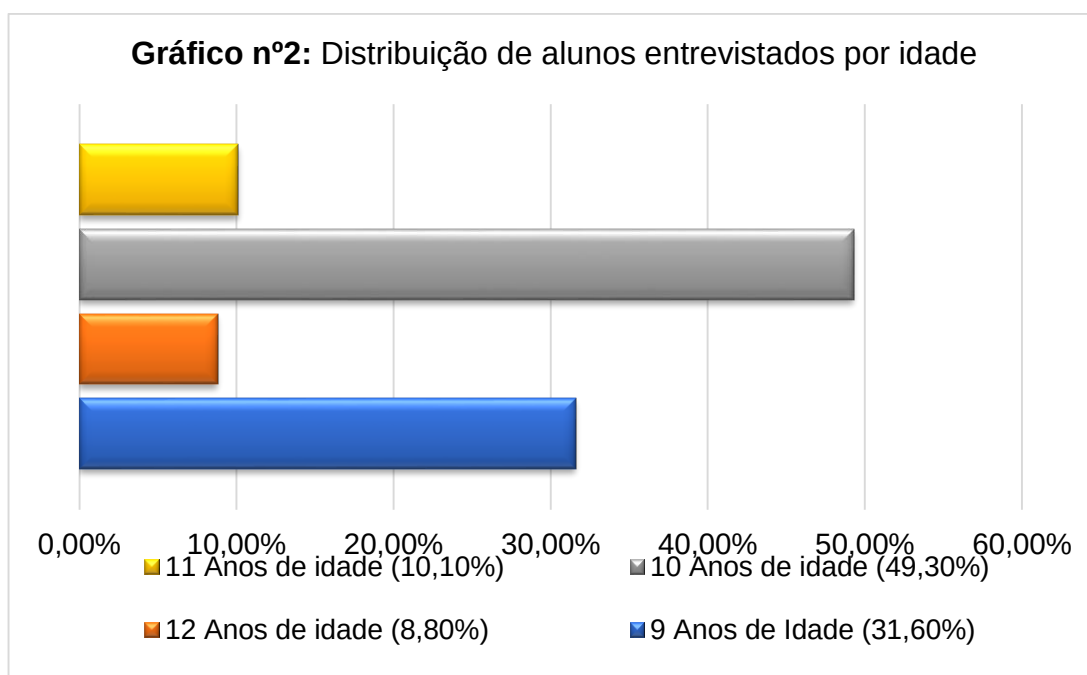
Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Do total de indivíduos (79 alunos e 6 professores) que participaram da pesquisa, em termos de género obtivemos os seguintes dados: 54,1% dos entrevistados foram do género masculino, e; 45,8% dos entrevistados foram do género feminino.

Tabela nº 2: Distribuição de alunos entrevistados por idade

Matriculados 2024/25				
Matriculados	Idade	Género		
		MF	F	M
	9	25	15	10
	10	39	24	15
	11	8	3	5
	12	7	3	4
	Total	79	45	34

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025



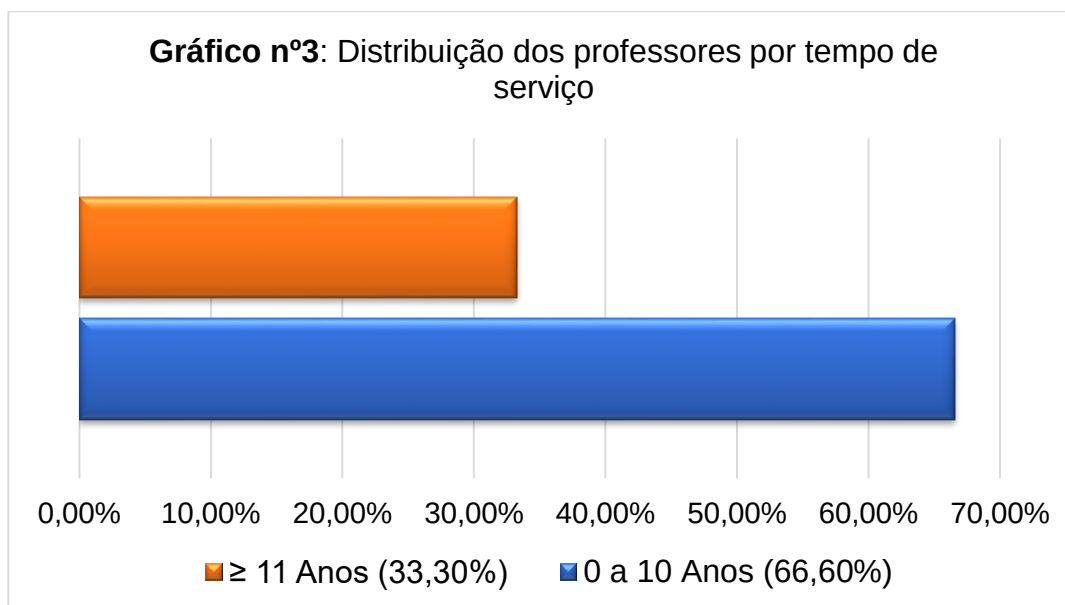
Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Do número de alunos que foram entrevistados sobre a temática da violência doméstica, em relação a idade 49,3% deles têm 10 anos de idade; 31,6% deles têm 9 anos de idade; 10,1% têm 11 anos de idade, e; 8,8% têm 12 anos de idade.

Tabela nº 3: Distribuição dos professores por tempo de serviço

Idades	fr	Percentagem (%)
0 a 10 Anos	4	66,6%
≥ 11 Anos	2	33,3%
Total	6	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025



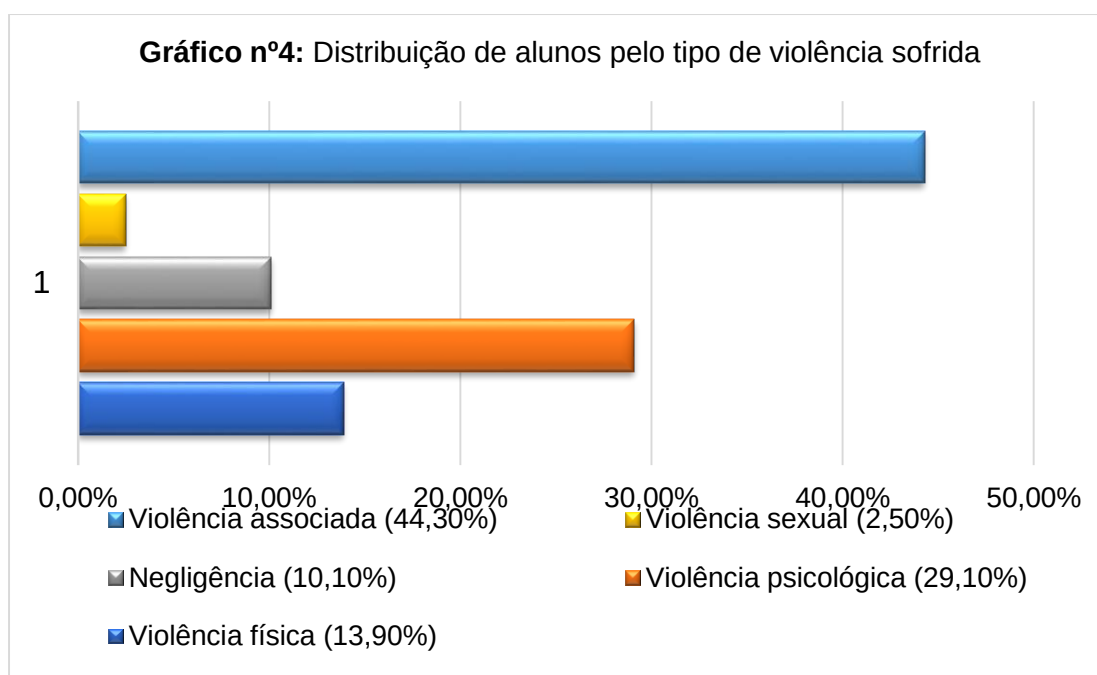
Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Dos seis (6) professores que fizeram parte da pesquisa, em termos de tempo de serviço no sector da educação 66,6%, estão na educação entre 0 a 10 anos, e; 33,3% relataram que estão na educação há mais de 11 anos.

Tabela nº 4: Distribuição de alunos pelo tipo de violência sofrida

Tipo de violência	fr	Percent. (%)
Violência física	11	13,9%
Violência psicológica	23	29,1%
Negligência	8	10,1%
Violência sexual	2	2,5%
Violência associada	35	44,3%
Total	79	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025



Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Dos setenta e nove (79) alunos que fizeram parte da pesquisa, em termos da modalidade de violência doméstica sofrida ou já vivenciada, obtivemos os seguintes dados: 44,3%, já vivenciaram a violência doméstica associada (física, psicológica, negligência e violência sexual); 29,1% relataram que já sofreram a violência psicológica; 13,9% já sofreram e vivenciaram a violência física; 10,1% já vivenciaram a negligência, e; 2,5% já vivenciaram e sofreram a violência sexual.

Identificação e histórico familiar de crianças e adolescentes entrevistadas:

C1: 10 anos de idade, sexo masculino, estuda 4ª Classe, mora com os avós e mais duas irmãs. A mãe de criança é usuária de álcool e drogas em situação de rua. Antes de criança morar com os avós a mãe tentou homicídio.

C2: 12 anos de idade, sexo Feminino. Mora com a mãe e mais um irmão de 4 anos. O pai separou-se da família por envolvimento extra conjugal. A criança presenciava brigas e violência conjugal, além de sofrer violência física e a mãe realiza alienação parental.

C3: 11 anos de idade, sexo Masculino, mora com o pai, tem mais irmãos que não moram com a família. A mãe separou-se da família quando tinha 2 anos e meio, ela fazia uso abusivo de álcool o que fazia com que presenciasse conflitos e violência conjugal.

C4: 9 anos, sexo masculino, mora com o padrasto, mãe e mais dois irmãos. O Pai biológico separou-se da família, actualmente, vive em ambientes violentos, nunca teve material de apoio para escola. Já presenciou violência conjugal.

C5: 11 ano de idade, sexo feminino, mora com os avós e o tio. Os pais não moram com a família, pois a avó alega que a mãe estavam maltratando-nos. A mãe e o pai são violentos, brigam constantemente, já presenciou violência conjugal, e sofreu violência física e negligência.

Pode-se observar no histórico das crianças entrevistadas, que compuseram a amostra da pesquisa, que na sua maioria são provenientes de famílias (monoparentais), cujos pais são separados, portanto moram somente com o pai ou com a mãe, ou com os avós, ou com outra família. Na estrutura familiar, as crianças são os membros mais vulneráveis às situações de conflito e, neste sentido, estão mais expostas que os demais, justamente por não terem autonomia e capacidade plena de defesa e de resolução das situações a elas apresentados.

Prejuízos provocados pela violência doméstica na vida escolar dos alunos

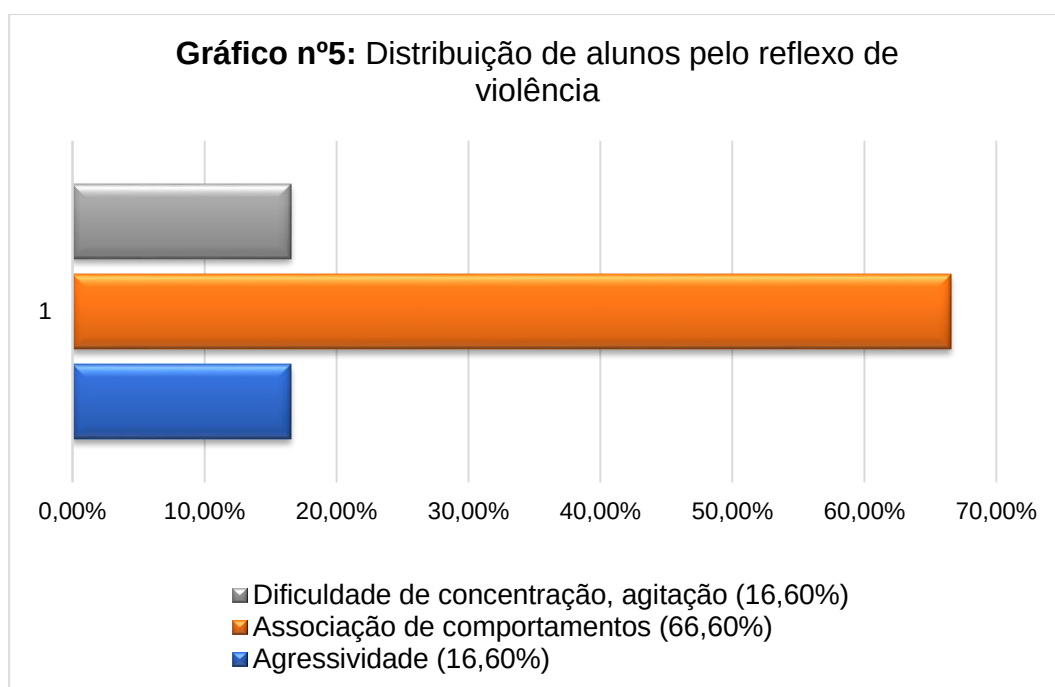
Como já notamos neste estudo, as crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica apresentam algumas dificuldades, reflectindo, assim, na sua aprendizagem. Dessa forma, vamos analisar as respostas dos professores quanto ao reflexo ou influência da violência doméstica no processo de aprendizagem, foco principal desta pesquisa.

Principais comportamentos apresentados pelas crianças vítima de violência doméstica e que dificultam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Tabela nº 5: Distribuição de alunos pelo reflexo de violência

Comportamentos	fr	Percent. (%)
Dificuldade de concentração, agitação	1	16,6%
Agressividade	1	16,6%
Associação de comportamentos	4	66,6%
Total	6	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025



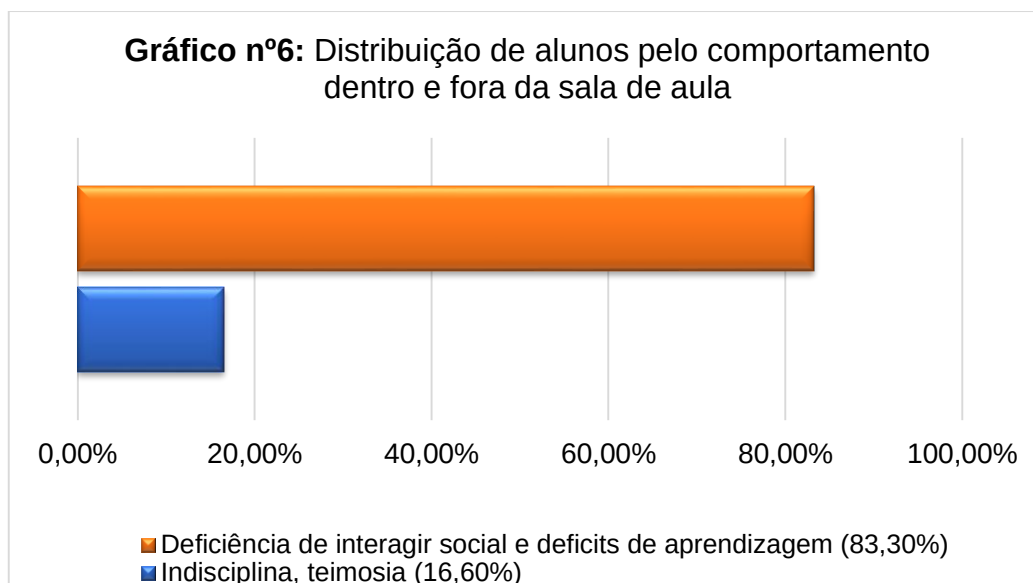
Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

Os professores entrevistados citam como reflexo de violência doméstica por parte de alunos durante o período de aulas: 66,6% associação de comportamentos (dificuldade de concentração, agitação e agressividade); 16,6% por dificuldade de concentração, e; 16,6% por agressividade.

Tabela nº 6: Distribuição de alunos pelo comportamento dentro e fora da sala de aula

Comportamentos dentro e fora de sala	fr	Percent. (%)
Indisciplina, teimosia	1	16,6%
Deficiência de interagir social e deficits de aprendizagem	5	83,3%
Total	6	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025



Fonte: Elaborada pelo autor com base aos dados de campo/2025

As questões relacionadas ao comportamento dessas crianças 16,6% dos alunos são indisciplinadas e teimosos, e; 83,3% dos alunos tem dificuldade na interação social e dificuldade na aprendizagem.

Em depoimentos de alguns professores entrevistados sobre principais comportamentos apresentados pelas crianças vítimas da violência doméstica e que dificultam o processo de ensino e aprendizagem, apontaram o seguinte:

P1. *Agressividade; Isolamento e comportamento anti-sociais; expressão oral pouco desenvolvida e choro;*

P2. *Afectividade comprometida e desinteresse pela aprendizagem, resultando no baixo rendimento escolar.*

P3. *Fuga da realidade e sinais de depressão.*

P4. *Eu, tenho um aluno que é acorrentado em casa. Veja, como é que vai ser o reflexo desse aluno na escola... para ele não fazer coisas erradas, que ele já deve ter feito, o pai acorrenta, deixa ele acorrentado mais de duas horas. Quando ele vem para escola, ele vem disposto a tudo. É um menino irrequieto, insulta todos e todas colegas...*

P5. *O meu aluno é muito violento. Demonstra um comportamento estranho, pequena discussão é motivo de agressão. Já fomos parar no posto médico por causa dele,*

picou o outro com a lápis. Por que apenas o outro tropeçou e deixou cair a garrafa de água...

P6. A menina é inteligente, mais é muito tímida. Conta que é vítima de violência psicológica por parte do padrasto é zomba da porque o pai lhe abandonou e não dá sustento lhe. Quando a mãe não está em casa o padrasto lhe ofende “*filha abandonada*”...

3.2. Discussão dos resultados

Os dados obtidos com a pesquisa realizada revelaram as opiniões dos professores sobre violência doméstica e desempenho escolar da criança vítima do fenómeno violência doméstica.

Durante as entrevistas foi possível perceber que os conflitos são uma constante dentro e fora de sala de aula, até mesmo em momentos de descontração. As brincadeiras giram em torno da violência, nos seus actos ou palavras. A relação entre os alunos é permeada pela intolerância em alguns momentos, e até o contacto com o professor é afectado. Assim, percebe-se que a agressividade, é um dos sinais de alerta que pode indicar uma exposição à violência doméstica, é apontado como um dos elementos mais recorrentes entre alunos que vivem essa realidade, sendo uma das formas de responderem às agressões de que são vítimas, de acordo com os professores da instituição. Contudo, é importante salientar que nem todas as crianças com comportamento agressivo estão necessariamente expostas à violência doméstica.

A passividade, a indiferença e o desânimo também são apontados como características comuns aos alunos que convivem com a violência doméstica. Nesse sentido, os professores trazem que as mudanças de comportamento em sala de aula servem de alerta para o que pode estar acontecendo com o aluno.

Com base nos dados recolhidos aos docentes podemos analisar que na quinta questão, percebe-se 66,6% dos entrevistados trazem a associação de comportamentos como uma característica presente no comportamento dos seus alunos. Esses factores têm efeitos no processo de ensino e aprendizagem, não só daqueles que vivem a violência doméstica diária, mas de toda turma, pois esses alunos não se concentram no que está sendo exposto pelo professor e nas

propostas de actividades, desconcentrando também outros alunos (Silva, 2019, p. 103).

Por meio desses dados fica evidenciado que os problemas familiares podem desencadear problemas na criança ou adolescente, entre eles a baixa auto-estima e a negação das suas capacidades.

Segundo Teixeira (2017), a aprendizagem da criança ou adolescente vítima da violência doméstica pode ser comprometida, pois a criança ou adolescente interioriza o tratamento que recebe, acreditando ser merecedora dos maus tratos, o que se traduz nesse medo de fazer a actividade, de tentar; na crença de que não é capaz, a criança acaba por interiorizar que não conseguira aprender. O mesmo autor sustenta que a intranquilidade vivida pelas crianças e adolescente é estendida à escola, tornando-se comum aos comportamentos deles.

P1: *Agressividade; Isolamento e comportamento anti-sociais; expressão oral pouco desenvolvida e choro.*

O trabalho de Cardia (1997, p. 32), realizado com alunos de três escolas públicas, mostrou que "crianças que testemunham a violência dentro de casa, e que são agredidas pelos pais, tendem a ser agressivas e a ter comportamentos anti-sociais fora de casa, principalmente na escola". Conforme, afirmado pelos professores entrevistados na escola do Ensino Primário nº03.

P2. *Afectividade comprometida e desinteresse pela aprendizagem, resultando no baixo rendimento escolar...* 83,3% dos alunos tem dificuldade na interacção social e dificuldade na aprendizagem.

Em relação ao desempenho escolar da criança vítima de violência doméstica, os participantes deram suas opiniões pautadas em sua praxis. Para a grande maioria deles o desempenho escolar da criança fica prejudicado. Além deste facto, os professores mencionaram sequelas que observavam no comportamento das crianças vítima da violência, principalmente, a agressividade e a indisciplina apresentadas na escola. Como foi relatado por Rodrigues e Chalhub (2014, p. 90), que, a criança que vivencia a violência doméstica tem maior probabilidade de desenvolver diversos problemas, como depressão, ansiedade ou ainda problemas

emocionais mais sérios, além de apresentar “QI mais baixo e pior desempenho escolar”...

Embora com opiniões pautadas unicamente na própria experiência profissional, as considerações feitas pelos participantes são pertinentes aos dados fornecidos pela literatura científica, em especial, a internacional, na qual há consenso em dizer que “*a criança vítima directa de violência doméstica apresenta declínio no desempenho escolar*” (Bezerra, 2018).

CONCLUSÃO

Diante de toda a problemática, esta pesquisa avaliou que a violência doméstica interfere em seu aprendizado. Esta pesquisa não pretende apresentar resultados conclusivos, mas contribui para uma reflexão a cerca dos efeitos da violência doméstica. Nela constatou-se que a mesma tem uma influência significativa no processo de aprendizagem dos alunos, pois que as suas consequências geram uma série de transtornos na vida da criança e adolescente. A associação de comportamentos (agressividade, dificuldade de concentração, agitação, indisciplina, teimosia, deficits de aprendizagem, dificuldade na interação, entre outras), característica atribuída a essas crianças pelos professores entrevistados.

Esta pesquisa nos desperta para o facto de que a violência, de forma em geral, faz parte da realidade dessas crianças. Situações que não deveriam apenas nos emocionar, mas, sobretudo, fazer-nos reflectir sobre nossos compromissos enquanto comunidade educativa.

De acordo com a pergunta de investigação que orientou o estudo foi evidenciado que a violência doméstica compromete o desenvolvimento físico, cognitivo, social, psicológico e pedagógico, de quem a vive directa ou directamente. Esse problema, que é grave, constitui um desafio para que sejam criadas políticas sociais abrangentes e programas que preparem os professores para lidar com estas situações.

Dessa forma, para mitigar este problema de violência nas escolas pensamos ser necessário: envolvimento da toda comunidade educativa, para criação de acções de prevenção que procurem de enfrentar as causas da violência na sua raiz e interferir nos factores que estimulam e favorecem a ocorrência deste flagelo social.

É fundamental a continuidade de pesquisas nesse tema, bem como a criação de políticas de prevenção voltadas à família, à escola e à relação entre elas, incluindo a atenção às vítimas e agressores, uma vez que a relação entre a escola e a família é base fundamental da formação integral da pessoa, como ser humano. É preciso reforçar que o desenvolvimento pleno do ser dependerá da qualidade de suas relações, que, por sua vez, precisam ser respeitosas e humanizante

Com isso, as hipóteses e os objectivos ora elaborados foram alcançados com base nos dados colectados.

.

SUGESTÕES

Tendo em conta as conclusões que chegamos no presente estudo, sugerimos o seguinte:

A direcção da escola:

- Que a direcção da escola disponibilize sempre tempo para tratar assuntos de violência doméstica no sentido de evitar número elevado.
- Que a direcção da escola seja sempre atenciosa nos alunos para não houver sempre casos de violência doméstica ou maus-tratos físico ou verbal na escola.

Professores:

- Que os professores falem sempre as causas da violência doméstica em temas transversais, para que os alunos percebem o que pode originar a violência doméstica.

Pais e encarregados de educação

- Que participem sempre nas reuniões para aproveitar dar as suas contribuições de como minimizar a violência doméstica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. A., (2017). *Violência doméstica/ intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica*. Revista Interinstitucional de Psicologia, Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a11.pdf>>
- Audi, C. A. F. et al.(2014). *Percepção da violência doméstica pormulheres gestantes e não gestantes da cidade de Campinas*. São Paulo. Ciência & Saude Coletiva.
- Azevedo, M. A., Guerra, V. N. (2018). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.
- Bazon, M. R. Faleiros, J. M. (2015). *Identificação e Notificação dos Maus-tratos Infantis no Setor Educacional*. Paidéia: Rio de Janeiro.
- Bee. H. (2014). *A criança em desenvolvimento*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Bezerra, P. S. (2018). *Violência doméstica e educação: o olhar da escola sobre esta realidade*. Instituto de Biociências - Rio Claro.
- Brino, R. F.; Souza, M. A. O. (2016). *Concepções sobre Violência Intrafamiliar na Área Educacional*.Educ. Real.Porto Alegre.
- Costa, A. L., et al., (2017). *O Comportamento dos Alunos na Escola e Sua Relação Com a Violência Doméstica na Percepção dos Educadores*. Revista Brasileira de Economia Doméstica, v. 28. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/261/238>>.
- Costa, M. I. B. C. (2014). *A Família com filhos com necessidades educativas especiais*. Millenium- Revista do ISPV.
- Day, V. P et al. (2018). *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre.
- Demartis, L. (2012). *Compêndio de Sociologia*.Instituto Geográfico de Agostin. Edições 70, Lisboa: Portugal.
- Deeke, L. P. et al. (2019). *A dinâmica da violência doméstica: Uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro*. Saúde Soc.São Paulo.

Diaz, F. (2015). *O processo de aprendizagem e seus transtornos*. - Salvador: EDUFBA.

Ferreira, A. B. H. (2016). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Garbin, S. A. et al. (2018). *Formação e atitude dos professores de educação infantil sobre violência familiar contra criança*. Educar em Revista. Editora: UFPR. Curitiba, Brasil.

Garbin, S. A; et al. (2016). *A violência familiar sofrida na infância: uma investigação com adolescentes*. Psicologia em Revista. Belo Horizonte.

Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Gomes, N. P., et al. (2017). *Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração*. Acta Paul enferm. Rio de Janeiro

Houaiss, A. (2015). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Jackson, A. M, et al., (2015). *Aspects of Abuse: Recognizing and Responding to Child Maltreatment*. Current Problems Pediatric Adolescent Health Care.

Krug, E. G. et al. Lozano R. (2022). *Relatório mundia sobre violência e saúde*. Geneva: World Health Organization.

Lakatos, E. M., MARCONI, A.(2003). *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Lima, J. O. (2016). *Violência doméstica: influência no desenvolvimento biopsicossocial e no processo de aprendizagem de quem a sofre*. Interletras, v. Disponível em:
<http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n19/artigos.php?edicao=18>

Lolli, H. A., et al., (2015). *“Olhos De Lince” No Ambiente Escolar – A responsabilidade do educador físico na detecção e encaminhamento de casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. UNINGÁ Review.

Lyra, G. F. Et al., (2016) *Quando a Violência Familiar Chega até a Escola*. Ministério da Educação: Editora FIOCRUZ. Escola Rio de Janeiro.

- Magalhães, F. R. J. et al. (2014) *Expressão da violência intrafamiliar: História oral de adolescentes*. Texto Contexto Enferm - São Paulo: Atlas.
- Mahoney, A. A., ALMEIDA, L. R. (2015). *Afectividade e processo de ensino e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo.
- Monteiro, C. F. S. Et al. (2017). *Vivência da violência conjugal: Fatos do cotidiano*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis.
- Moura, J. P., (2014). *Implicações da Violência na Infância e Adolescência*. Revista da Universidade Vale do Rio Verde.
- Pasian, M. S. (2015). *Negligência Infantil a Partir do Child Neglect Index Aplicado no Brasil*. Psicologia Reflexão e Crítica, São Paulo: Brasil.
- Patias, N. D., (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. Temas em Psicologia, Rio de Janeiro.
- Preto, M.; Moreira. P. A. S. (2015). *Autorregulação da aprendizagem em crianças e adolescentes filhos de vítimas de violência doméstica contra mulheres*. Psicologia: Reflexão e Crítica. Revista Brasileira, SP.
- Ristum, M. (2016). *As marcas da violência doméstica e a identificação por professor do ensino fundamental*. Revista Brasileira de Psicologia. Disponível em: <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2025/01/ristum2025>.
- Ribeiro, I.M., et al., (2015). *Prevalência das várias formas de violência entre escolares*. Acta Paulista de Enfermagem: São Paulo.
- Santos, A.C., et al., (2015). *Violência Intrafamiliar: caminhos para o enfrentamento na saúde pública*. Saúde em Redes, Brasil.
- Santos, L. (2017). *Profissão: do lar A (des)valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in) visibilidade do feminino*. Universidade de Brasília (DF):Departamento de Psicologia Clínica.
- Silva, C. G. S. (2019). *A violência doméstica e sua influência na aprendizagem: um estudo exploratório no centro de integração familiar*. Revista do NUPE (Núcleo de Pesquisa e Extensão) – Bahia.

Silva, M. A. et al. (2014). *Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência*. Psicologia em Estudos, Maringá.

Silva, M. R. P. (2014). *Os Efeitos da Violência Intra-familiar Sobre as Relações Interpessoais em Sala de Aula*. Estação Científica. Disponível em : <https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/1468/mariav4n1.pdf>

Teixeira, C. T. (2017). *Relação família e a escola*. Paraguai: TEC.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS

Para fins exclusivamente académicos, estamos a realizar um estudo sobre “As causa e efeito da violência doméstica no aprendizagem do Aluno da 4ª classe da escola do ensino primário Nº 03 Kuimba/Zaire durante o I Trimestre de 2025. Agradecemos desde já a colaboração do Senhor Professor em ajudar-nos para o êxito desta pesquisa e prometemos sigilo nas suas respostas.

1. Caracterização do entrevistado(a)

Idade () Género () Classe que estuda ()

2. Com que vives

Pai e Mãe () Apenas com Pai () Apenas com a Mãe () Tio ou Avó ()

3. Alguma vez já sofreu agressão?

Violência física (puxão de orelho, chapa, pontapé, chicoteada, etc)	
Violência psicológica (ofensas, insulto, estigma, sombaria, etc)	
Negligência (deixada se refeição, sem apoio material, sem dialogar, etc)	
Violência sexual (assediada, palpitada nas parte íntimas, etc)	
Violência associada (Já passou por tudo aquilo que já falamos acima)	

Queres contar algo que já vive na escola ou na sua casa com a sua família?

Obrigado pela sua colaboração

GUIÃO DE ENTREVISTA DIRIGIDO AOS PROFESSORES

Para fins exclusivamente acadêmicos, estamos a realizar um estudo sobre “As causa e efeito da violência doméstica no aprendizagem do Aluno da 4ª classe da escola do ensino primário Nº 03 Kuimba/Zaire durante o I Trimestre de 2025. Agradecemos desde já a colaboração do Senhor Professor em ajudar-nos para o êxito desta pesquisa e prometemos sigilo nas suas respostas.

4. Caracterização do entrevistado(a)

Idade () Género () Há quanto tempo ocupa essa função ()

5. Sobre a violência doméstica:

Aponta alguns reflexos de violência doméstico verificados nos alunos da sua escola

Dificuldade de concentração	
Agressividade	
Agitação	
Associação de comportamentos	

Qual tem sido o comportamento de alunos dentro e fora de sala de aula?

Comportamentos dentro e fora de sala	
Indisciplina	
Deficiência de interagir social	
Deficits de aprendizagem	
Deficits de aprendizagem	
Indiferença	
Desinteresse	

Que opinião tem sobre os principais comportamentos apresentados pelas crianças como resultado da violência doméstica?

Obrigado pela sua colaboração